



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA- AMÉRICA LATINA

**O DISCURSO HISTÓRICO-NACIONALISTA E AS RELAÇÕES COM O BRASIL:
CONTRADIÇÕES E CONCILIAÇÕES NA “LITERATURA STRONISTA”**

LETICIA CONSALTER DE LIMA

Foz do Iguaçu
2015



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA – AMÉRICA LATINA

**O DISCURSO HISTÓRICO-NACIONALISTA E AS RELAÇÕES COM O BRASIL:
CONTRADIÇÕES E CONCILIAÇÕES NA “LITERATURA STRONISTA”**

LETICIA CONSALTER DE LIMA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História – América Latina.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Renato da Silva

Foz do Iguaçu
2015

LETICIA CONSALTER DE LIMA

O DISCURSO HISTÓRICO-NACIONALISTA E AS RELAÇÕES COM O BRASIL:

CONTRADIÇÕES E CONCILIAÇÕES NA “LITERATURA STRONISTA”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História – América Latina.

BANCA EXAMINADORA

Paulo Renato da Silva

Orientador: Prof. Dr. Paulo Renato da Silva
UNILA

Rosângela de Jesus Silva

Profª. Dra. Rosângela de Jesus Silva
UNILA

Germán Sterling

Prof. Germán Sterling
Universidade de Salamanca

Foz do Iguaçu, 7 de dezembro de 2015.

Dedico este trabalho aos meus pais, sem os quais esta jornada que deu origem ao presente trabalho não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não pôde ser realizado apenas a partir de bases teóricas. Este trabalho foi realizado, principalmente, a partir de bases propiciadas por pessoas, por seu apoio e força. É por este motivo que, primeiramente e acima de tudo, agradeço a minha família. Agradeço imensamente à minha mãe, peça principal de minha trajetória. Agradeço aos meus pais Eguilar e Carlos. E claro, agradeço ao meu orientador Paulo, que me acompanhou desde minha primeira aula na graduação.

Mas o número de agradecimentos é bem maior. E se eu cito inúmeros autores neste trabalho, por que não citar cada uma das pessoas que me ajudaram a escrever estes quatro anos que definirão o resto de minha trajetória?

Desta forma, agradeço imensamente à: Erick e Henrique Consalter, vó Salomea, vô Leoclides, Mayra, Yara, Bruno, Isadora, Manu, Igor, Amanda, Luiz Felipe. E ao restante de minha família, que me custaria uma graduação para cita-la por inteira.

Apenas agradeço, por tudo.

LIMA, Leticia C. de. **O discurso histórico-nacionalista e as relações com o Brasil: contradições e conciliações na “literatura stronista”**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal da Integração Latino- Americana, Foz do Iguaçu, 2015.

RESUMO

Durante a segunda metade do século XX o Paraguai viveu o mais longo regime ditatorial de sua história, e um dos mais duradouros da história latino-americana. Chefiado pelo general Alfredo Stroessner, este regime se sucedeu entre 1954 e 1989. Dentre os vários elementos que possibilitaram tal permanência encontram-se os aparatos discursivos, que foram utilizados como forma de outorgar legitimidade ao regime. A utilização das ocorrências históricas deu forma a uma das retóricas empregadas pelo regime, a qual nomeamos de discurso histórico-nacionalista. Tal aparato discursivo, ao glorificar as imagens dos governantes *decimonónicos* paraguaios – José Gaspar Rodríguez de Francia, Carlos Antonio López e Solano López – posicionando-os como “heróis” máximos da nação paraguaia e Stroessner como seu “herdeiro” político e continuador, serviu ao stronismo como fonte de legitimação. Para além da reivindicação dos heróis nacionais, o discurso histórico-nacionalista stronista evocava as memórias da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), apresentando-a como uma “epopeia nacional” paraguaia na qual, o Paraguai além de ter estado em notável desvantagem frente às três nações inimigas também, teria lutado uma guerra movida injustamente contra ele. Porém, ao mesmo tempo em que o regime outorgava a imagem de “próceres” a estes governantes, com destaque para Solano López, e evocava as reminiscências da Guerra da Tríplice Aliança também, estabelecia relações de cooperação com o Brasil, antigo inimigo de guerra. Desta forma, procuramos analisar as contradições entre essas duas conjunturas, também destinando atenção as justificativas utilizadas pelo regime stronista pra fundamentar suas relações com a nação brasileira. Esta análise é realizada mediante o exame de um conjunto de livros produzidos e publicados durante a ditadura que, em sua maioria, foram escritos por colorados ou aliados do stronismo, com o fim de divulgar e promover o regime e seu chefe, a este conjunto de livros chamamos de “literatura stronista”.

Palavras-chaves: Paraguai, ditadura stronista, discurso histórico-nacionalista, relações bilaterais Paraguai-Brasil, literatura stronista.

LIMA, Leticia C. de. **The historical-nationalist discourse and the relations with Brazil: contradictions and reconciliations in the "stronista literature."** 2015. Work Completion of course (Degree in History) - Federal University of Latin American Integration, Foz do Iguaçu, 2015.

ABSTRACT

During the second half of the twentieth century Paraguay lived the longest dictatorship in its history, and one of the longest in Latin American history. Headed by General Alfredo Stroessner, this regime ensued between 1954 and 1989. Among the various elements that enabled such a stay are the discursive devices, which were used as a way to grant legitimacy to the regime. The use of historical events formed one of the rhetoric employed by the regime, which we named historical-nationalist discourse. Such discursive apparatus, to glorify the images of *decimonónicos* Paraguayan leaders to glorify the *decimonónicos* Paraguayan leaders' images – José Gaspar Rodríguez de Francia, Carlos Antonio López and Solano López – positioning them as "heroes" maximum of the Paraguayan nation and Stroessner as his "heir" political and follower, served the stronismo as a source of legitimacy. In addition to the claim of national heroes, historical-nationalist discourse stronista evoked memories of the Triple Alliance War (1864-1870), presenting it as a "national epic" where Paraguay, Paraguay in addition to having been in remarkable disadvantage opposite the three enemy nations also would have fought an unfairly moved war against him. But at the same time the regime grated the image of "national heroes" these rulers, highlighting Solano López, and evoked the Triple Alliance War reminiscences also established cooperative relations with Brazil, former enemy of war. In this way, we seek to analyze the contradictions between these two situations, also devoting attention to the justifications used by stronista regime to base their relations with the Brazilian nation. This analysis is performed by examining a set of books produced and published under the dictatorship which, for the most part, were written by stained or stronismo allies, in order to disseminate and promote the regime and his boss, this set of books call "stronista literature."

Keywords: Paraguay, stronista dictatorship, historical and nationalist discourse, bilateral relations Paraguay-Brazil, stronista literature.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. O DISCURSO HISTÓRICO-NACIONALISTA STRONISTA: A RENOVAÇÃO DO REVISIONISMO HISTÓRICO PARAGUAIO	12
2.1. ESTAPA INICIAL DO REVISIONISMO PARAGUAIO	12
2.2. A CONCOLIDAÇÃO DO REVISIONISMO HISTÓRICO NACIONALISTA.....	20
2.3. O REVISIONISMO HISTÓRICO E O DISCURSO HISTÓRICO-NACIONALISTA...	25
2.4. AS CONTRADIÇÕES ENTRE O DISCURSO HISTÓRICO-NACIONALISTA E AS RELAÇÕES EMPREGADAS ENTRE PARAGUAI E BRASIL DURANTE O STRONISMO.....	31
3. AS CONTRADIÇÕES E CONCILIAÇÕES ENTRE O DISCURSO HISTÓRICO- NACIONALISTA E AS RELAÇÕES COM O BRASIL NA “LITERATURA STRONISTA”	37
3.1. A “LITERATURA STRONISTA”	37
3.2. DISCURSO HISTÓRICO-NACIONALISTA E AS RELAÇÕES COM O BRASIL: CONTRADIÇÕES E CONCILIAÇÕES NA “LITERATURA STRONISTA”	39
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
FONTES	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

Introdução

“Así con destellos luminosos de rayos inextinguibles, han ido engalanando la galería de las glorias, los colosos de nuestra nacionalidad. Y hoy los nombres de Gaspar Rodríguez de Francia, Carlos Antonio López, Bernardino Caballero y otros, sintetizan todo el temple y decisión de una raza jamás vencida, en cuyos ilustres ejemplos, las generaciones sucesivas encuentran la savia portentosa en que nutrir el vigor de un nacionalismo auténticamente paraguayo.

Y en su eterno trajinar, surgió una etapa de incertidumbres, motivada por hechos y circunstancias que truncaron durante largas jornadas, el impulso vigoroso que para la reconstrucción nacional, luego de la hecatombe del 65 a 70, había impreso en el andar de la patria, el rubio Centauro de Ybycuí.

Pero estaba escrito que la patria había de ser nuevamente redimida por un hombre excepcional y surgió entonces la egregia figura del General de Ejército Don ALFREDO STROESSNER, quien supiera sufrir los rigores de la guerra para luego amar la paz. (...)

Y justamente la semblanza de ejemplar estadista, héroe por antonomasia, reconstructor indiscutido del nuevo Paraguay, líder admirado y respetado de la unidad americana (...)

Roque Vellejos (1974, p. 6 e 7)

A epígrafe acima vinculada é um trecho retirado de um livro que se intitula *Stroessner, caudillo de América*, escrito por Roque Vellejos e publicado em 1974. Essa obra procurou exaltar a figura de Alfredo Stroessner, mediante a vinculação de sua imagem ao de “heróis” nacionais.

Alfredo Stroessner (1912-2006) ficou a frete da primeira magistratura paraguaia entre 1954 e 1989, o que caracterizou este governo como o mais longo da história do Paraguai e o mais duradouro da história latino-americana. O governo chefiado por Stroessner foi caracterizado como um regime autoritário, pois utilizou de métodos como a repressão, a violência, o fomento de uma cultura do medo, as limitações das liberdades individuais, o controle do ambiente político como meios mediante os quais procurou controlar o dissenso e minimizar a oposição. Ademais, o stronismo¹ também apresentou características antidemocráticas, pois, ainda que o regime sustentasse uma fachada democrática promovendo a realizações de eleições, estas ocorriam mediante fraude e manipulação.

Devido à notável permanência do regime stronista que figurou no poder por quase 35 anos, os estudiosos que se acercam do tema procuram apontar circunstâncias que explicariam tal permanência. Foram apontadas condições internas e externas que contribuiram

¹ Termo que, juntamente com a variação “stronista”, será utilizado no decorrer deste trabalho a fim de se referir ao regime chefiado por Alfredo Stroessner.

e possibilitaram a longevidade do stronismo. De forma geral, as condições e elementos possibilitadores apontados pertencem à estrutura política, e dificilmente verifica-se a problematização da ordem e dos processos sociais como componentes de possível influência e participação no cenário que viabilizou a duração do regime.

Para fugir desses enfoques *politólogos*, abordamos aqui os aparatos discursivos que foram utilizados pelo stronismo a fim de servirem de fontes de legitimidade para o próprio regime, para o poder por ele exercido e, muitas vezes, para justificar suas ações autoritárias e arbitrárias tanto ante seus aliados e os demais integrantes do espaço político, quanto perante a sociedade paraguaia. Isto posto, aqui analisamos estes aparatos discursivos como parte integrante dos elementos que possibilitaram a permanência do regime stronista.

Frente ao fato de que o stronismo utilizou-se de múltiplos aparatos de ordem discursiva, aqui nos centraremos em apenas um já pré-anunciado pela epígrafe que abre esta introdução, este consiste no discurso histórico-nacionalista.

O discurso histórico-nacionalista fundamentou-se nas premissas do *revisionismo histórico*. Este movimento surgido no Paraguai em fins do século XIX iniciou-se, particularmente, como um movimento de reivindicação das glórias do Marechal Francisco Solano López, que antes mesmo de sua morte nos campos de batalha durante a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), foi declarado fora da lei e traidor da Pátria pela nova ordem política, empossada pelos países da Tríplice Aliança.

Para além de reivindicar a imagem de Solano López, o revisionismo histórico também reivindicou as glórias dos demais governos do século XIX que foram caracterizados pela nova ordem política mediante aspectos negativos, como por exemplos, foram apresentados como “déspotas” e “autoritários”. Estes governos são o de José Gaspar Rodríguez de Francia e Carlos Antonio López, que juntos governaram o Paraguai entre 1814 e 1862, sendo sucedidos por Solano López.

O revisionismo histórico também deu novas interpretações à história da Guerra da Tríplice Aliança, que na retórica da nova ordem política erigida com o desfecho da guerra e sob a tutelada dos países aliados, era apresentada como um conflito que havia sido causado pelas características “autoritárias” e “despóticas” que estes governos apresentariam, e pela política de “isolamento” praticada por estes. Porém, o movimento revisionista além de apresentar este conflito como motivado pelos interesses de países vizinhos em destruir o poderio do Paraguai, que no discurso revisionista era apresentado como uma potência independente na região, também apresentava o conflito como uma “epopeia heroica” para o povo paraguaio que mesmo em desvantagem numérica e bélica, frente ao inimigo formado

por uma aliança de três países, teria lutado “bravamente” na defesa de sua soberania e liberdade.

Desta forma, ao incorporar as premissas do revisionismo histórico na formação de seu discurso histórico-nacionalista, o regime stronista tratou de vincular Stroessner aos “heróis” nacionais enunciados pelo movimento revisionista, apresentando-o como “herdeiro” político dos “próceres” nacionais e “continuador” destes, que trataria de fazer o Paraguai reviver a época de “glória” e “prosperidade” vivida sob o governo destes “próceres”. O regime stronista também incorporou as premissas revisionistas referentes à Guerra da Tríplice Aliança, e evocava esse episódio marcante da história paraguaia como uma forma de incentivar a criação de uma identidade nacional, a fim de criar consenso e diminuir tensões existentes em torno do regime.

Porém, ao mesmo tempo em que o stronismo invocava as reminiscências da guerra como forma de erigir uma identificação nacional, também estabeleceu relações de cooperação com o Brasil, antigo inimigo de guerra.

Sendo assim, nosso objetivo aqui é analisar estas aparentes contradições entre as duas conjunturas, e as tentativas de conciliação realizadas pelo regime stronista. Esta análise dá-se, principalmente, através do exame de um conjunto de livros produzidos e publicados durante a ditadura que, em sua maioria, foram escritos por colorados ou aliados do regime, com o fim de divulgar e promover o regime e seu chefe. Esses trabalhos divulgavam as obras realizadas pelo regime, principalmente, obras de infraestrutura que acusassem o “desenvolvimento” econômico paraguaio que estava sendo promovido nestes anos através das políticas “modernizadoras” do regime e, também, promoviam a imagem do “líder” mediante a vinculação da “excepcional” biografia de Stroessner.

A fim de atingir este objetivo, o primeiro capítulo desta trabalho foca-se em apresentar os antecedentes do discurso histórico-nacionalista, a utilização deste discurso pelo regime stronista, as contradições entre esta retórica e os estabelecimento de laços de cooperação com o Brasil e as tentativas de conciliação entre as duas conjunturas realizadas por parte do regime stronista.

O segundo capítulo, por sua vez, concentra-se unicamente na análise dessas contradições e conciliações mediante o exame dos livros, já citados, que formam o que chamamos de “literatura stronista”.

2. O discurso histórico-nacionalista stronista: a renovação do revisionismo histórico paraguaio

“Encontrei-me com a gigantesca figura do Marechal López. Esta figura é como o nó de nossa história, princípio e fim de nossa epopeia, chave de nosso passado, ápice e abismo, aurora e ocaso, resplendor da luz meridiana, tristeza crepuscular, encarnação de todas nossas grandezas morais e símbolo vivo de todas nossas dores. Impossível derrubá-la e muito menos negá-la. Montanha de vontade, montanha de patriotismo; nas suas entranhas brame o fogo de seu amor desmesurado à nossa terra e na sua alta frente pensativa parece que fervem os anseios de nossa raça.”

Juan E. O’Leary ([s.d] apud ALCALÁ, 2005, p. 105 e 106)

“És um homem e um povo. És um magistrado e és uma causa. Em uma palavra, és a personificação do Paraguai na hora suprema de sua história... Antes e depois da guerra, López foi e é o Paraguai.”

Juan E. O’Leary ([s.d] apud ALCALÁ, 2005, p. 108)

“Una contra-historia de la Guerra Grande (...) se oponía a la historia oficial aceptada y difundida desde 1870. La versión revisionista conllevaba la apología del gobernante fuerte, del ‘mesías’ militar, depositario y salvador de la nacionalidad amenazada”

Milda Rivarola (2013, p. 102)

2.1 – Etapa inicial do revisionismo no Paraguai

No século XIX verificou-se o desenrolar da maior contenda da história latino-americana em extensão, números de exércitos mobilizados e perdas humanas, esta foi a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870)². Tal embate foi motivado por certames políticos e econômicos, motivações estas que foram e ainda são causa de disputas de interpretações dentro da historiografia que aborda o assunto.³

² Parte da historiografia que trata da Guerra da Tríplice Aliança postula o início deste conflito com a assinatura do Tratado da Tríplice Aliança, ou seja, em 1865. Porém, situamos o início da contenda no ano anterior (1865), pois, consideramos como parte integrante da guerra os conflitos entre Brasil e Paraguai ocorridos neste ano. Como, por exemplo, as hostilidades entre os dois países motivadas pela intervenção do Brasil em assuntos políticos internos do Uruguai, já que o Paraguai era aliado do governo de Atanasio Aguirre (1801-1875), então presidente provisório uruguaio que teve sua posição ameaçada pela intervenção brasileira.

³ A título de exemplo, brevemente apontamos duas interpretações distintas apresentadas por Júlio José Chiavenato (1993) e Guido Rodríguez Alcalá (2005). Chiavenato, um jornalista brasileiro eu escreveu e publicou este livro durante o período ditatorial militar brasileiro, aponta que a Guerra da Tríplice Aliança foi ocasionada pela Grã-Bretanha, que estaria preocupada com a “autonomia” que a República Paraguaia vinha apresentando desde o início de sua vida independente, que segundo Chiavenato, poderia tornar-se um concorrente em potencial para a Grã-Bretanha no mercado de algodão. Alcalá, por sua vez, discorda do papel do imperialismo inglês no desencadeamento da guerra, para este autor, esta teria sido motivada e desencadeada para atender os “sonhos românticos de López” e seus “devaneios de grandeza”.

Como consequência do conflito que foi travado entre a Tríplice Aliança – formada por Argentina, Brasil e Uruguai – e o Paraguai, este último foi devastado em todos os níveis de sua estrutura formativa, a título de exemplo, anteriormente a guerra a população paraguaia rondaria os 400 a 450.000 habitantes, sendo que após a contenda o número de habitantes teria caído para 230.000, que em sua grande maioria eram formados por mulheres, crianças e idosos (RIVAROLA, 2013, p.18). Como consequência do conflito, o país passou por uma reconfiguração de sua ordem social, política e econômica. Este estágio de reconstrução e reconfiguração nacional, conhecido como *Regeneración*⁴, se apresentou como ocasião suscetível para a implantação de um projeto político liberal, pois a guerra representou um rompimento das antigas estruturas de organização do país. Esse projeto político liberal visava à reconstrução econômica, política e social paraguaia e, como resultado, a inclusão do Paraguai no rol de países que haviam vencido o confronto. Desta forma, um dos principais objetivos era superar o “isolamento” que marcara o país desde o período colonial. Porém, Milda Rivarola (2014, p. 19) destaca as consequências das medidas tomadas pela nova ordem política a fim de superar o “isolamento”, medidas estas que subjugaram o Paraguai a uma posição dependência e desigualdade em relação às nações vencedoras do conflito:

Del rico hato de estancias particulares y del Estado, en la posguerra apenas restaban 15.000 cabezas – debió importarse ganado en pié de la Argentina – y la superficie de cultivos de consumo y resta ser redujo a menos de su tercera parte. (...) Y haría su entrada al “concierto de las naciones civilizadas” en marca de desigualdad de condiciones frente a las potencias vecinas y vencedoras. (RIVAROLA, 2014, p. 19).

A nova ordem política foi constituída pela *Legión Paraguaya*, formada por opositores aos regimes de Francia e dos López – Carlos Antonio López e Solano López – que haviam se exilado do Paraguai durante a chefia destes governos. Os “legionários” se refugiaram principalmente na Argentina e, após o fim dos conflitos da Guerra da Tríplice Aliança e a consequente morte de Solano López, retornaram ao Paraguai e protagonizaram as ações de reconstrução do país, reconstrução que se deu sob orientação liberal. A Constituição que orientou o período do pós-guerra foi escrita em 1870 e, como previsto, carregava princípios liberais, como: os direitos e liberdades individuais, a separação dos poderes, o distanciamento do aparato estatal das questões econômicas, etc. Tal constituição também apresentava oposição clara aos regimes políticos anteriores. Sendo assim, a reedificação do país teria que ser “(...) *liberal, democrática, antipersonalista y salvaguardar a la República.*”

⁴ Este termo foi difundido pela nova ordem política liberal que, ao utilizar o termo “Regeneracion”, elenca de forma negativa o período político anterior.

(SOLER, 2007, p.29). Sob esses princípios, a “Era Liberal” que se iniciou com o fim dos conflitos da guerra, se manteria até as primeiras décadas do século XX.

Por conseguinte, nesta mesma época prevaleceu a narrativa histórica liberal que apontava o Paraguai anterior à guerra, ou seja, o Paraguai sob o domínio de José Gaspar Rodríguez de Francia, Carlos Antonio López e Francisco Solano López ⁵ como um Paraguai ditatorial. Segundo Lorena Soler, tal leitura da história era fundada por doutrinários liberais cujas visões eram resultado de uma “lógica geracional”, pois estes doutrinários

(...) fueron contemporáneos de la Guerra Grande o recibieron traumáticas memorias de familiares cercanos que habían sobrevivido al conflicto. Leían la debacle paraguaya a través de la dicotomía civilización y barbarie, clásica del pensamiento decimonónico latino americano. De acuerdo a esta lectura, el ingreso de Paraguay al concierto de las naciones sería posible mediante el orden político surgido de la constitución liberal, por lo cual el aislamiento geográfico y la lengua nativa⁶ conspiraban contra el progreso. (SOLER, 2014. p. 66)

A centralização dos poderes executivo, legislativo e judiciário em uma única mão e a condição de isolamento político e diplomático do Paraguai, que teriam caracterizado os governos de Francia e dos López, fundamentaram não somente os discursos utilizados pela Tríplice Aliança para justificar a guerra como também, os discursos das fileiras de ideologia liberal, que dominaram o cenário político após o conflito e que procuraram se legitimar através de uma retórica de oposição aos regimes *decimonónicos*⁷ de Francia e dos López, responsabilizando-os pela guerra que teria sido motivada pelo despotismo e pelas políticas de isolamento exercidas por estes governos.

Em contrapartida ao “atraso”, o “monopólio” e a “negação” das liberdades individuais presentes nos governos de Francia e dos López, a nova ordem política liberal trataria de governar respeitando os direitos individuais, aplicando os demais princípios liberais e, por consequência, conduzindo o país ao desenvolvimento. Tal era a estratégia

⁵ José Gaspar Rodríguez Francia (1766-1840) desempenhou papel político fundamental na independência do Paraguai, dentre eles a de cônsul, posição que ocupou até 1814 quando foi declarado *Ditador Supremo* e, posteriormente, foi proclamado *Ditador Perpétuo* em 1816, permanecendo neste posto até sua morte em 1840. Após sua morte, Carlos Antonio López (1792-1862) foi nomeado cônsul e, posteriormente, foi eleito como primeiro presidente paraguaio e chefiou o país até sua morte. Foi substituído por seu filho, Francisco Solano López (1827-1870), em 1862 o qual tinha deixado como seu sucessor. Solano López chefiou o Paraguai até 1870, quando foi morto em conflito durante a Guerra da Tríplice Aliança.

⁶ No novo projeto de nação idealizado pelos liberais no pós-guerra, o guarani passou a ser visto como um obstáculo para o desenvolvimento do país. Enquanto o espanhol era sinônimo de “progresso” e “modernidade”, o guarani era relacionado com a “barbárie”, o “atraso” e, conseqüentemente, com a figura de Solano López. O guarani é particularmente associado à figura de Solano López, pois este impeliu a utilização do guarani como uma forma de incrementar a identidade paraguaia, enquanto Francia e Carlos Antonio López adotaram o espanhol como língua oficial na educação formal, e legaram o guarani apenas à expressão oral. No pós-guerra, sob a nova estrutura política liberal, a utilização do guarani nas escolas voltou a ser proibido.

⁷ Termo em espanhol, que se refere ao que é do século XIX.

discursiva adotada pela nova estrutura política, pois esta necessitava de outros princípios de legitimidade que não os utilizados pela antiga estrutura política. Desta forma, o governo provisório através de decretos, tratou de expatriar Francisco Solano López e declará-lo traidor da Pátria, “*fuera de ley*”, *arrojado para siempre del suelo paraguayo como asesino de su patria y enemigo del género humano*” (apud BREZZO, 2011, p. 367), posicionando-o dentre os governos do “antigo regime”, como o principal responsável pela guerra. O *anti-lopismo* era um dos traços mais eminentes do discurso liberal da época.

Em resposta ao discurso liberal crítico aos governos de Francia e dos López, surgiram movimentos de reinterpretação da história paraguaia, que através da glorificação e exaltação destes governos, retratavam o período de governança destes como a “*Edad de Oro*” da história do Paraguai. Os ditadores, traçados pela historiografia liberal, foram convertidos em “heróis” da Pátria e considerados fundadores da *paraguaiidad* (ALCALÁ, 2005, p. 102), ou seja, da identidade nacional paraguaia. Solano López, que na retórica liberal era representado como traidor da Pátria, na historiografia revisionista era apresentado como o mártir do conflito travado entre Paraguai e os países aliados, e a culpabilidade pelo conflito recairia sobre a Tríplice Aliança, principalmente sobre o Brasil, e não mais sobre Solano López.

Este movimento de reinterpretação da história paraguaia é parte de outro maior e mais global denominado de *revisionismo histórico*, movimento de difícil definição, localização espacial e temporal, já que ocorreu em diversas localidades e temporalidades – tendo inclusive se desenrolado em outros países da América Latina, com destaque para o revisionismo rio-platense – e sob diversos aspectos de expressão. Esta tendência historiográfica teve duas vertentes, uma qualificada como crítica, pois visava a reinterpretação de episódios da história sob novas óticas e perspectivas rompendo com interpretações tradicionais e hegemônicas e outra, que também procurava reinterpretar episódios históricos, porém, com o objetivo de utilizar as novas interpretações como ferramenta política. E é nesta segunda categoria que enquadrámos o revisionismo histórico que se sucedeu no Paraguai.

Podemos conceber três aspectos que caracterizam o revisionismo paraguaio e que nos propiciará uma melhor perspectiva deste movimento. O primeiro deles é o acentuado traço nacionalista e patriótico. O segundo aspecto é definido pela falta de rigorosidade

⁸ Fora da lei, pois, este Decreto foi promulgado em 1868 quando Solano López ainda estava vivo, ou seja, era considerado um “*forajido de la ley*”.

historiográfica, pois, em sua grande maioria, as produções realizadas pelo revisionismo não incluíam a análise e estudo de documentações que tornassem factíveis os relatos vinculados. Por fim, a terceira característica é o atributo de transferir a culpabilidade pela situação débil do país para atores externos, como apontar o imperialismo dos países que formaram a Tríplice Aliança como causadores da guerra, ou até mesmo outorgar responsabilidade aos liberais, que eram acusados pelos revisionistas de serem defensores de interesses estrangeiros.

Neste aspecto, o revisionismo histórico paraguaio sofreu grande influência do revisionismo que se sucedeu na Argentina. O movimento revisionista argentino intensificou a culpabilidade do Império Brasileiro em relação à Guerra da Tríplice Aliança, a fim de minimizar suas responsabilidades pelo conflito. O revisionismo paraguaio, por sua vez, incorporou tal premissa, como pode ser verificado neste trecho de Juan E. O’Leary:

El enemigo común, el único enemigo, era el Monarca ambicioso, intrigante, desleal, que nos llevaba a pelear los unos contra los otros, para asegurar su menguado predominio en el Río de la Plata. No era siquiera el pueblo brasileño, extraño a las cavilaciones de su diplomacia, ajeno a las maniobras del imperialismo de los que mantenían en cadenas a millones de esclavos, mientras se lanzaban al exterminio de un pueblo en nombre de la libertad (O’Leary, 1954 apud SILVA, 2015, p. 20)

O movimento revisionista iniciou-se no Paraguai, particularmente, por meio das reivindicações das glórias do Marechal Francisco Solano López, principalmente, pleiteadas por militares e intelectuais da época. Tais reivindicações possuem seus primeiros registros a partir dos anos finais do século XIX (RIVAROLA, 2013, p. 102). Ao que parece, 1883 pode ser apontado como marco de início desse movimento de reivindicação (ALCALÁ, 2011, p. 17), e por consequência, de início do revisionismo paraguaio, pois, foi neste ano que se verificou o retorno ao Paraguai de Enrique Solano López, filho de Solano López com a irlandesa e primeira-dama paraguaia Elisa Lynch, a fim de requerer as propriedades de sua família que haviam sido confiscadas após o fim da guerra. Fracassado tal propósito, Enrique Solano López volta sua atenção para o trabalho de reivindicação da imagem de seu pai, intento este que mais tarde recebe o reforço do então jovem intelectual Juan E. O’Leary, que viria a ser o nome mais importante do revisionismo paraguaio, ao ponto de ser conhecido como o “*historiador da Pátria*”. Assim como a historiografia liberal apresentava-se como *anti-lopista*, a corrente historiográfica revisionista mantinha uma posição e um discurso anti-liberal.

Juan Emiliano O’Leary (1879-1965) integrou a geração de literatos e intelectuais denominada *Geración del 900* ou *Novecentistas*, que se delineou nos anos posteriores ao fim dos conflitos da Guerra da Tríplice Aliança. Seus integrantes se formaram “(...) *primeiro en el Colegio Nacional de Asunción y, más tarde, en la Facultad de Derecho de la Universidad Nacional (...)*” (BREZZO, 2010, p. 22). Lorena Soler (2007, p.28) defende que os intelectuais *Novecentistas* em sua primeira geração, além de ressaltarem as duras consequências da Guerra da Tríplice Aliança para o Paraguai, também carregaram fortes críticas aos governos *decimonónicos* – de Francia e dos López. A autora acrescenta que com o passar dos anos a orientação desses intelectuais se matizou e deixou de definir-se simplesmente como crítica a estes governos. Concordamos que essa geração apresentou estas matizes, porém, propomos que essa heterogeneidade se apresenta desde a primeira geração novecentista. O’Leary, Ignacio A. Pane e Cecilio Báez⁹, integrantes da primeira geração, são exemplos que evidenciam tal ponto de vista. O’Leary e Ignacio A. Pane, são considerados ideólogos revisionistas, que se destacaram pela defesa das “glórias” dos governantes que supostamente a geração de intelectuais, da qual eram integrantes, criticava. E Cecilio Báez, de orientação liberal e que se encaixaria na definição de primeira geração novecentista defendida por Soler, em um artigo publicado em 1888 no periódico *La Ilustración Paraguaya* e intitulado *El Dictador Francia*, caracteriza Francia como fundador da nacionalidade paraguaia (BREZZO, 2004. P. 58), concepção normalmente defendida por intelectuais revisionistas.

Com isso, gostaríamos de demonstrar que trabalhar com tais definições apresenta-se como um empenho árduo, pois, ao menos neste caso, as peripécias intelectuais e historiográficas desse período não se definem simplesmente pela dualidade liberal/revisionista, os posicionamentos são mais complexos. Assim como as fileiras de orientação liberal incorporaram discursos nacionalistas, as fileiras de revisionistas, ou que também eram conhecidas como *lopistas*, também incorporaram aspectos do liberalismo.

Outra prova de que as divisões de princípios não são tão opostas e dissociadas entre eles, foi a publicação em 1912 do *Álbum Gráfico de la República de Paraguay. 100 años de vida independiente 1811-1911* que impresso em Buenos Aires, foi uma obra comemorativa do Centenário da Independência paraguaia. Esta obra foi formada por trabalhos

⁹ Cecilio Báez (1862-1941), além de presidir o Paraguai entre dezembro de 1905 e novembro de 1906 também, foi advogado e um dos nomes mais importantes da intelectualidade paraguaia do século XX, e também integrante da geração de intelectuais *Novecentistas*. Ademais, possuindo orientação liberal, mantinha uma posição crítica as interpretações historiográficas que celebravam os antigos governos paraguaios, ou seja, os governos de Francia e dos López.

de diversos intelectuais, e dentre os colaboradores verificamos alguns de posicionamento supostamente opostos. Foram colaboradores tanto intelectuais de orientação liberal como Cecilio Báez e Manuel Dominguez¹⁰, quanto revisionistas como Juan O’Leary, Enrique Solano López e Ignacio A. Pane.

Assim sendo, Juan O’Leary começou seus trabalhos como um jornalista liberal, entretanto, posteriormente deslocou-se para as fileiras revisionistas. Seu trabalho como revisionista pode ser constatado através de publicações realizadas em periódicos como o *La Pátria*, e também em obras e ensaios de sua autoria como *La Guerra de la Triple Alianza*, publicado em 1912 no álbum comemorativo do Centenário da Independência (1911) ao qual já fizemos referência, *Nuestra epopeya* publicada entre 1919 e 1922, *El Mariscal Solano López* publicado em 1925. Seu propósito era “(...) construir una ‘historia patriótica’, cuyo principal objetivo consistió en custodiar y rehacer la ‘nación paraguaya’ después del drama bélico (...)” (BREZZO, 2010, p. 24). Através da reformulação da história paraguaia ele propunha promover nesta nação uma reforma intelectual e moral, a fim de reconstruir a essência e o sentimento nacionalista através dos usos da história. E foi através de suas produções e militância no movimento que O’Leary influenciou seguidores, que cooperaram em grande escala para a continuação e fortalecimento do revisionismo paraguaio até que este alcançasse sua consolidação a partir década de 1920.

Além de O’Leary, salientamos outros dois importantes nomes do *revisionismo histórico* paraguaio que desempenharam papel fundamental no processo de construção e avanço de tal movimento, estes são: Ignacio A. Pane e J. Natalicio González.

Ignacio A. Pane (1879-1920), além de ter integrado a geração *Novecentista* também, juntamente com Juan O’Leary figurou como um dos principais nomes do revisionismo em seus primeiros anos. Colaborou com ensaios para periódicos como o *La Pátria*, periódico de cunho revisionista dirigido por Enrique Solano López. Além do mais, como já mencionado anteriormente, colaborou com a produção de um Álbum publicado em 1912, que celebrava o Centenário da Independência, publicando neste um ensaio intitulado *Intelectualidad paraguaya*.

¹⁰ Manuel Rodríguez (1868-1935), jornalista e político paraguaio ocupou o cargo de vice-presidente durante o governo de Juan Antonio Escurra (1902-1904), figurou nas fileiras liberais e foi integrante da geração *Novecentista*, juntamente com Cecilio Báez, Juan E. O’Leary e Ignacio A. Pane.

Juan Natalicio González (1897-1966), além de ter sido presidente do Paraguai entre agosto de 1948 e janeiro de 1949 também, foi aluno de O’Leary, seguidor e continuador da campanha nacionalista movida por este e, se configurou como um intelectual revisionista de destaque. Dentre seus intentos que contribuíram para a luta revisionista está a obra *Solano López*, publicada em 1926 e *El Paraguay Eterno*, talvez a obra mais conhecida do autor, publicada em 1934, onde Natalicio González tenta “(...) *comprender y justificar el origen del Estado Fuerte (...)*” paraguaio (TELESCA, 2011, p. 309). Assim como O’Leary e Pane, Natalicio Gonzalez levantava a bandeira anti-liberal e defendia o retorno dos dias “gloriosos” vividos sob os governos de Francia e dos López. Guido Rodriguez Alcalá afirma que Natalicio González manteve uma marcante posição anti-liberal, inclusive, mais rigorosa do que as apresentadas por O’Leary e os demais integrantes da fileira revisionista. (ALCALÁ, 2005, p. 109).

Nestes anos de princípios do século XX, o movimento revisionista paraguaio ainda era precoce, pois

en ese tempo había muy pocos “lopistas” (...) O’Leary hacía poco que, con Pane y otros, había iniciado una campaña reivindicando las glorias de López. Los viejos generales Escobar, Caballero, Duarte y Delgado, que habían sido oficiales de López, nunca le rindieron honores ni trataron de reivindicarlo. Jamás se habló, hasta 1925 – bajo un gobierno liberal – de abrogar la ley que declaraba a López traidor a la patria e fuera de las leyes. (JAEGLI, [s.d] apud RIVAROLA, 2013, p. 72)

E segundo Rivarola (RIVAROLA, 2013, p.102), nesta época os movimentos de reinterpretação da história paraguaia e, principalmente, de reivindicação da imagem de Solano López aconteciam esporadicamente e eram, em especial, estimuladas pelas memórias da Guerra da Tríplice Aliança e por datas comemorativas nacionalistas. É por esta razão que, os principais intentos e publicações que marcaram o movimento revisionista ocorreram em datas rememorativas à guerra, como o Cinquentenário de fim do conflito (1920), e datas comemorativas de cunho nacionalista como o Centenário da Independência (1911).

Um dos acontecimentos mais marcantes desta época, indicada como etapa dos primeiros impulsos do movimento revisionista, foi a polêmica historiográfica que se desenrolou entre Juan E. O’Leary e Cecílio Báez em 1902. A polêmica se deu através de publicações em dois periódicos – com as publicações de O’Leary a partir do *La Patria* e de Báez no *El Cívico* – onde em diversos textos publicados Juan E. O’Leary se centra na análise da Guerra da Tríplice Aliança. Nestes textos, O’Leary:

(...) exhibió un discurso según el cual el conflicto tuvo su origen en causas exógenas al Paraguay: las maquinaciones del Imperio del Brasil y la complicidad del gobierno argentino de Bartolomé Mitre. Además, construyó una visión basada en un pasado heroico y glorioso, en el que la sociedad paraguaya vivía feliz y próspera hasta una serie de causas externas que la condenaron a la postración. (BREZZO, 2010, p. 23 e 24)

Em contrapartida, em suas publicações Cecilio Báez sustenta uma posição contrária a firmada por O’Leary. Báez apresentou

(...) una visión crítica de los gobiernos de Francia , de Carlos Antonio López y de Francisco Solano López, cuyos sistemas políticos calificó de tiránicos, haciéndolos responsables de la ignorancia e y del embrutecimiento del pueblo así como de llevarlo a una guerra que lo dejó en un completo estado de abatimiento. (BREZZO, 2010, p. 24)¹¹

Essa polêmica entre O’Leary e Báez tomou proporções gigantescas, e segundo Liliana Brezzo (2008, p. 60), quem teria saído vencedor da disputa teria sido O’Leary. Ainda segundo Brezzo (2010, p.24), este debate teria colaborado com a popularização da corrente historiográfica nacionalista, que baseada no revisionismo histórico, ganhou grande aceitação diante da sociedade paraguaia.

Esse debate não foi apenas uma discussão entre dois intelectuais que sustentavam posicionamentos contrários, mas também representa as disputas historiográficas ocorridas entre os integrantes das fileiras liberais e revisionistas, que marcaram a primeira metade do século XX.

2.2 – A consolidação do revisionismo histórico nacionalista

Foi somente na década de 1920 que o revisionismo histórico nacionalista começa a ganhar força e, posteriormente, se consolidar no Paraguai. Um exemplo disso foi que em 1926, embalados pelo centenário de nascimento de Solano López, é dado início ao pedido de revogação do Decreto de 17.08.1869 (RIVAROLA, 2013. p. 109) que declarava López traidor e assassino da Pátria. Porém, esta reivindicação só se tornaria realidade dez anos depois sob a presidência de Rafael Franco.

Podemos apontar duas causas que motivaram o embalo e consolidação do revisionismo nacionalista nesta época. A primeira delas, que nos é apontada por Soler (2007, p. 32 e 33), foi um processo global que vinha se desenrolando na década de 1920 e que não

¹¹ Para uma leitura mais detalhada sobre essa polêmica historiográfica ocorrida entre O’Leary e Cecilio Báez, indicamos o livro de BREZZO, Liliana. **Polémica sobre la Historia del Paraguay**. Asunción: Editorial Tiempo de Historia, 2008. Através da compilação feita por Ricardo Scavone Yegros e Sebastián Scavone Yegros dos textos que preencheram a polêmica, Brezzo faz estudo crítico da intenda travada entre os dois intelectuais.

deixou de ter seus impactos na nação paraguaia. Estamos nos referindo à crise do modelo liberal, impulsionada pela crise de 1929 que desacreditou as estruturas liberais e também pelas crescentes ideologias fascistas da época, muitas vezes encaradas como uma solução para as adversidades do momento. Além disso, no Paraguai, segundo Boccia Paz, a política liberal também se mostrou insuficiente diante da crise social pela qual o país passava, esta se apresentava incapaz “(...) *de ofrecer respuestas a las exigencias de un mundo que, desde la culminación de la Primera Guerra Mundial, mostraba una nueva configuración de potencias políticas y sistemas económicos.*” (BOCCIA PAZ, 2013, p. 180)

A crise do modelo liberal, como consequência, derrubou também o modelo “civilizatório” o que incitou uma procura por traços e características singularmente paraguaias, “(...) *buscando el elemento ‘originario’ de la nación.*” (SOLER, 2007, p.33) Este processo promoveu a ascensão de um nacionalismo anti-liberal, fornecendo um campo propício para o desenvolvimento e consolidação do revisionismo histórico nacionalista.

A segunda motivação foi resultado da Guerra do Chaco (1932-1935), contenda entre Paraguai e Bolívia motivada pela disputa territorial da região do Chaco que, além de conter reservas petrolíferas também, oferecia uma saída ao Atlântico através do rio Paraguai¹². Após anos marcados por tentativas fracassadas de assinatura de acordos que resolvessem a questão, instalou-se, na década de 1920, um presságio da aproximação do conflito entre as duas nações. A ameaça da aproximação da contenda incitou o nacionalismo e, favoreceu a popularização e consolidação da corrente revisionista que trazia enraizados valores patrióticos nacionalistas. A vitória paraguaia no conflito terminaria também por favorecer esta corrente, pois, como consequência da conquista houve a emergência das Forças Armadas, ou seja, a imagem do Exército ganhou popularidade e larga aceitação, coincidindo com a valorização do elemento militar presente na corrente revisionista. Além disso, a partir desse momento começa a se verificar a integração dos setores militares no cenário político, que passará a ser marcado por regimes militares, assinalados por elevado autoritarismo e repressão.

Tais condições internas e externas, não somente contribuíram para a popularização e consolidação do revisionismo nacionalista como também, criam o cenário propício que acarretou na realização de um golpe de Estado, ocorrido em fevereiro de 1936, e

¹² Em conflito com o Chile, conhecido como Guerra do Pacífico (1879-1884), a Bolívia já havia perdido seu litoral que lhe dava acesso ao Pacífico. E novamente, na contenda do Chaco volta a perder este para o Paraguai, perdendo assim sua saída para o Atlântico através do rio Paraguai.

que por esta razão, é conhecido na historiografia paraguaia como *Revolución Febrerista*, e que teria sido motivada pela situação precária na qual se encontravam os ex-combatentes da Guerra do Chaco, que

Eran cerca de cien mil paraguayos, casi todos campesinos, que volvían cubiertos de gloria para encontrar sus ranchos y pueblos sumidos en la pobreza de siempre. El germen de la desconformidad se incubaba en estos oficiales de reserva que, si bien habían recibido una gratificación económica gubernamental equivalente a varios meses de sueldo, sentían que el Estado había sido ingrato frente tanto sacrificio y reclamaban cambios socioeconómicos más profundos. (BOCCIA PAZ, 2013, p. 180)

Além disso, o movimento revolucionário seria uma represária aos privilégios concedidos ao General José Felix Estigarribia (1845-1940), ex-combatente da contenda do Chaco e que com a sua campanha na guerra teria conquistado grande popularidade, principalmente dentre os comandantes políticos da época, de onde provinham seus privilégios.

Tal movimento derrubou o governo liberal de Eusebio Ayala¹³ que presidiu o país entre 1932 e 1936, ou seja, que estava à frente da nação durante a Guerra do Chaco, e que mesmo tendo saído vitorioso do conflito teve sua administração sacudida pela acentuada crise social pela qual o país passava, crise que teria sido agravada pelas consequências dos esforços de guerra e, na qual se incluía a situação precária na qual viviam os ex-combatentes do conflito contra a Bolívia. O movimento teve adesão de diversos setores da sociedade paraguaia, englobando de socialistas e anarquistas a bandeiras partidárias, como o Partido Colorado e o futuro Partido Febrerista, tal junção foi forjada em torno do nacionalismo e do anti-liberalismo, que ascenderam como consequência da exímia campanha vitoriosa do Paraguai na Guerra do Chaco.

Com a vitória do movimento, a consequente retirada dos liberais do poder e o início da implantação de uma nova ordem política, a exemplo do ocorrido na reconstrução nacional após da Guerra da Tríplice Aliança, apresentou-se necessário a adoção de fontes de legitimidades diferente dos utilizados pela ordem política anterior, ou seja, a liberal. Nesta ocasião, os preceitos oferecidos pelo revisionismo histórico se apresentaram perfeitamente adequados necessidade do momento. Sendo assim, os princípios revisionistas foram adotados pela nova ordem política. A adoção do revisionismo como fonte de legitimação se concretizaria no governo de Rafael Franco, como veremos a seguir.

¹³ Eusebio Ayala (1875-1942) político filiado ao Partido Liberal presidiu o Paraguai por duas vezes, a primeira vez entre 1921 e 1923 e a segunda entre 1932 e 1936.

Os integrantes da revolução designaram Rafael Franco, militar e ex-combatente da Guerra do Chaco que contava com grande popularidade dentro da esfera militar, como presidente provisório. Rafael Franco permaneceu à frente do país de fevereiro de 1936 a agosto de 1937. Herdeiro e continuador da Revolução Febrerista, seu governo além de ter sustentado um posicionamento antiliberal também, adotou os princípios do revisionismo como fonte de legitimação e elemento simbólico de seu governo. Orientações exemplificadas pela invalidação da Constituição de 1870, de tendência liberal, e sua aberta “(...) identificación con la obra de Francia dos López (...)” (SOLER, 2014, p. 95). Logo, sob seu comando o Decreto de 17.08.1869 que designou Solano López como traidor foi retificado, e em 1º de março de 1936 através de outro decreto Solano López foi declarado herói nacional e, juntamente com José Gaspar de Francia e Carlos Antonio López, foi nomeado prócer da nação paraguaia em setembro do mesmo ano. A partir de então, 1º de março passaria a figurar no calendário oficial como feriado nacional marcando o aniversário do ocorrido em Cerro Corá e como dia dos heróis nacionais. Além disso, Rafael Franco ordenou a finalização da construção do Panteão Nacional dos Heróis, que originalmente havia sido planejado como um oratório dedicado à Virgem de Assunção, obra que foi encomendada por Solano López, mas que como consequência da Guerra da Tríplice Aliança não foi finalizada e permaneceu assim até a retomada das obras pelo governo de Franco. Ademais, Rafael Franco também ordenou o resgate dos supostos restos mortais de Solano López de Cerro Corá, onde este supostamente foi morto pelo exército aliado. Tais restos mortais foram transferidos para o Panteão Nacional dos Heróis, mais tarde se juntou a este os restos mortais de Carlos Antonio López e uma urna representando Francia, já que seu corpo teria sido violado alguns anos após sua morte. (SOLER, 2007, p.38). Para mais, lugares públicos passaram a ser nomeados em homenagem aos próceres ou a pessoas relacionadas a estes.

E foi assim que o revisionismo nacionalista passou a se configurar oficialmente como uma ideologia de Estado.

Finalmente triunfó una visión nacionalista y patriótica de la historia, monopolizada por la exaltación de la Edad de Oro previa a la guerra, que buscaba las causas y las consecuencias sobre los vencedores. De esta forma, se habilitó un relato nacional cuyo foco de positividad estuvo centrado en la guerra contra la Triple Alianza y en los distintos actores relacionados con ese acontecimiento, relato posible para la posterior reconstrucción del Estado y la nación posbélica. (SOLER, 2014, p. 91)

O revisionismo nacionalista fazia “(...) *apología del gobernante fuerte, del ‘mesías’ militar, depositario y salvador de la nacionalidad amenazada.*” (RIVAROLA, 2013, p. 102), o que passou a ser utilizado para justificar o autoritarismo que marcou, por exemplo,

o governo de Rafael Franco e os que se seguiram a ele. Neste aspecto destacamos os governos de José Felix Estigarribia e de Higinio Morínigo, que com administrações marcadas por um elevado autoritarismo permaneceu no poder entre 1939 e 1948.

José Felix Estigarribia (1888-1940) militar e ex-combatente da Guerra do Chaco que lhe rendeu renome na sociedade paraguaia, governou o Paraguai entre 1939 e 1940, após ter saído vitorioso em uma eleição na qual concorreu sem oposição e sem promover uma campanha eleitoral. Seu governo foi marcado por repressões violentas para sufocar manifestações, que em sua maioria eram realizadas por estudantes. Em 18.2.1940, através do Decreto nº1, Estigarribia delibera a concentração da “plenitude dos Poderes Políticos do Governo da República” (ALCALÁ, 2005, p. 97) em suas mãos. Dando suporte às ações autoritárias dos governos que o seguiriam, já que o general não chegaria a terminar seu mandato, pois morreu em um acidente de avião em 1940.

Após a morte inesperada do presidente José Felix Estigarribia, este foi sucedido por Higinio Morínigo (1897-1983), que foi nomeado por um Conselho de Estado como presidente provisório, pois nesta época não havia vice-presidente e

“La Constitución disponía que, en caso de fallecimiento del jefe de Estado, la Cámara de Representantes y el Consejo de Estado, reunidos en Asamblea Nacional, eligieran a un presidente provisional, encargado de convocar elecciones en el plano de dos meses” (YEGROS, 2010, p. 251)

Sendo assim, como presidente interino este deveria convocar eleições em data próxima, porém, logo após a sua nomeação imediatamente passou a se mobilizar a fim de se consolidar no poder. Morínigo se manteve como presidente provisório até 1943, ao fim do mandato que correspondia a Estigarribia, quando foi eleito presidente pelo período de cinco anos em uma votação que não dava o direito à população a escolher seu representante, mas sim a votar sim ou não para a permanência de Morínigo na presidência, pleito em que este saiu vitorioso. Alguns anos depois, seu governo foi sacudido por um movimento revolucionário, este movimento ficou conhecido como Revolução de 1947 ou Guerra Civil de 1947. Se desenrolando entre maio e agosto deste ano e, movida pelo Partido Febrerista contando com o apoio de estudantes, do Partido Comunista e, posteriormente, pelo Partido Liberal, objetivava derrubar Morínigo devido ao seu regime político que havia suprimido a participação dos partidos políticos, exceto o Partido Colorado, atividade política. Porém, Morínigo derrotou os revoltosos e saiu vitorioso da disputa. Contudo, decorrente das disputas

políticas pelo poder dentro do próprio Partido Colorado Morínigo foi removido da presidência em 1948, sendo substituído provisoriamente por Juan Manuel Frutos¹⁴.

Ademais do poder concentrado no executivo, o governo de Morínigo também se caracterizou pela ampla utilização da propaganda nacionalista e do patriotismo, incentivando os elementos nacionais e rechaçando os de origem estrangeira. Também foi em seu governo que os restos mortais de Felix Estigarribia foram transferidos para o Panteão dos Heróis.

Foi também sob o comando de Morínigo que deu-se a reforma monetária que ocorreu em 1943, onde ao criar a Unidade Monetária Guarani promoveu a estabilização e autonomia bancária no Paraguai. A nova moeda nacional carregava as figuras dos próceres e heróis da nação. As moedas traziam as representações de ícones da Guerra da Tríplice Aliança como Solano López, o “soldado paraguaio” e o General José E. Díaz¹⁵, além de Francia, Carlos Antonio López e Estigarribia.

Herdeiros da Revolução Febrerista de 1936, tanto os governos de Rafael Franco e José Felix Estigarribia quanto o de Higinio Morínigo, que governaram anulando a divisão de poderes e concentrando-os em suas mãos, prepararam o campo para a implantação do maior regime ditatorial da história do Paraguai e da história latino-americana.

O autoritarismo, a utilização dos preceitos do revisionismo histórico e da propaganda nacionalista – já verificados nos governos anteriores – se intensificariam de forma exacerbada no regime chefiado pelo General Alfredo Stroessner entre 1954 e 1989. E é a utilização do revisionismo histórico e do discurso nacionalista pelo regime stronista, uma das questões que abordaremos no capítulo seguinte.

2.3 – O revisionismo histórico e o discurso histórico-nacionalista stronista

Entre a queda de Morínigo em 1948 e a ascensão de Stroessner em 1954, a instabilidade política se apresentou ainda mais profunda do que a constatada no período anterior. Marcada pela fragmentação do Partido Colorado e por múltiplos golpes de Estado,

¹⁴ Juan Manuel Frutos (1879-1960), bacharel em Direito fez carreira no poder judiciário paraguaio, chegando ao comando do país em 1948 como presidente provisório.

¹⁵ General José Eduvigis Díaz (1833-1867), soldado lopista, foi protagonista de uma das batalhas mais importantes da Guerra da Tríplice Aliança, a batalha de Curupayty onde as forças paraguaias comandadas pelo Gral. Díaz venceram as forças aliadas.

esta época ostentou ao todo seis presidentes¹⁶. Foi este período de profundo desequilíbrio político que acabaria culminando na ascensão de Alfredo Stroessner ao poder, inaugurando um período de mais de três décadas marcadas pelo autoritarismo, repressão e violência, que se evidenciaria como o regime ditatorial mais longo do Paraguai marcando a trajetória histórica deste país.

Como esperado, Alfredo Stroessner estava envolvido nos distúrbios e disputas políticas que antecederam seu governo. Durante a Guerra Civil de 1947, mesmo com previsões desfavoráveis do futuro de Higinio Morínigo, Stroessner se manteve ao lado deste. Com a vitória de Morínigo sobre o movimento revoltoso, Stroessner obteve extensa influência nos círculos políticos de comando da época já que, como nos afirma Ceres Moraes (2000, p. 43), foi escasso o contingente de oficiais que se mantiveram fiéis ao então mandatário da nação. Porém, posteriormente, cooperou com o golpe de Estado que viria a derrubar Morínigo em 1948, assim como participou dos golpes subsequentes, por exemplo, o que tentou derrubar o presidente Natalicio González em novembro de 1948, porém, o golpe fracassou e Stroessner foi obrigado cumprir exílio na Argentina, onde permaneceu até 1949 quando retorna ao Paraguai. Retorna, e novamente se acerca das agitações políticas que decorrem posteriormente, causadas pelas disputas que tomam espaço dentro do Partido Colorado, entre as várias facções internas deste partido.

Em 1949, imediato ao seu retorno ao país, Stroessner envolve-se em múltiplas disputas de poder, neste ano que foi imensamente marcado pela agitação política. Logo após seu regresso ao Paraguai, Stroessner assume o comando do Regimento General Brúguez, que se rebelou contra o então presidente Raimundo Rolón. Desta forma, cooperou com a causa de Molas López (1901-1954) que liderou o movimento que em 1949 depôs Rolón. Como recompensa do apoio ao golpe, Stroessner foi promovido a General-de-Brigata por Molas López. Porém, quando este foi eleito presidente após disputa como candidato único em eleições realizadas em 14 de maio do mesmo ano, não pode continuar contando com o apoio do então General-de-Brigata. Pois, posteriormente, Stroessner atuou diretamente no movimento que viria a depor Molas López em setembro. Este, por decisão da Junta de Governo do Partido Colorado, foi substituído por Federico Chaves (1882-1979), que também

¹⁶ Juan Manuel Frutos (3 de junho de 1948 - 15 de agosto de 1948), Juan Natalicio González (15 de agosto de 1948 - 30 de janeiro de 1949), Raimundo Rolón (30 de janeiro de 1949 - 26 de fevereiro de 1949), Felipe Molas López (26 de fevereiro de 1949 - 11 de setembro de 1949), Federico Chaves (11 de setembro de 1949 - 4 de maio de 1954), no período entre 4 e 8 de maio de 1954 o Paraguai permanece sem presidente, até ser designado como mandatário provisório Tomás Romero Pereira (8 de maio de 1954 - 15 de agosto de 1954).

teve inicial apoio de Stroessner, porém, também viria a ser deposto por um golpe que contou com a total participação deste.

Em 11 de setembro de 1949, após a deposição de Molas López, Federico Chaves assume o poder executivo paraguaio. As artimanhas políticas de Stroessner lhe renderam o grado de Comandante-em-Chefe das Forças Armadas em 1951, pois Stroessner foi nomeado pelo presidente Chaves à esta posição como forma de retribuição por sua participação na retirada de Molas López poder.

A posição de comando nas Forças Armadas, em grande medida, lhe possibilitou desempenhar papel capital no processo de derrubada do presidente Federico Chaves que, posteriormente, resultaria na sua ascensão ao cargo mais alto do poder executivo paraguaio. O processo de deposição de Federico Chaves ocorreu no mês de maio de 1954, liderado por Alfredo Stroessner o movimento atingiu seu objetivo e retirou Chaves do poder no dia 4 deste mês. Conhecido como sendo um bom estrategista político, Stroessner ao invés de assumir de imediato o comando da nação resolveu transferir a escolha do próximo mandatário para as mãos da Junta de Governo do Partido Colorado que, por sua vez, nomeou Tomás Romero Pereira (1886-1982) como presidente provisório.

Romero Pereira, de acordo com suas funções de presidente provisório, convocou eleições realizadas em julho de 1954 nas quais Stroessner como representante do Partido Colorado concorreu como candidato único já que, à exceção deste partido, os demais estavam postos na ilegalidade. Stroessner vence as eleições, e torna-se mandatário do país com a legitimidade de um presidente eleito. Porém, sabe-se que o pleito que deu a vitória a Stroessner, além de ter sido uma disputa de candidato único e no qual somente era permitida a participação do partido que detinha o poder naquele momento, no caso, o Partido Colorado, também foi marcado pela fraude e a manipulação.

Após sair vitorioso do pleito eleitoral, Stroessner assumiu o comando do país no dia 15 de agosto de 1954, posição na qual manteve-se até 3 de fevereiro de 1989 quando foi deposto por seu até então aliado o general Andrés Rodríguez. Os quase 35 anos de governo de Stroessner foram marcados por um acentuado nível de autoritarismo, caracterizado pela concentração de poder, repressão, violência, perseguições, limitação dos direitos individuais, etc.

Frente à costumeira instabilidade que se instalou no decorrer da vida política paraguaia e os traços autoritários que o regime apresentava, estudiosos do assunto procuraram averiguar as possibilidades que permitiram a notável permanência da ditadura stronista. Por conseguinte, frequentemente, são apontados certos elementos internos e externos que viabilizaram a delonga do stronismo. Porém, de forma geral, como nos indica Lorena Soler (2014, p. 36), os estudos que abordam a ditadura stronista e que procuram apontar as condições e elementos possibilitadores de tal permanência se restringem a enfoques mais politólogos do que sociológicos, ou seja, restringem-se à estrutura política e dificilmente verifica-se a problematização da ordem e dos processos sociais como componentes de possível influência e participação no cenário que viabilizou a duração do regime.

Entretanto, o regime stronista não se restringiu a utilização de estratégias que se limitassem à estrutura política. Os métodos utilizados a fim de angariar legitimidade e manter o poder do regime se estenderam a elementos mais amplos do que apenas os englobados pelo alicerce governamental. E nestas demais estratégias de legitimação não abordadas pelos estudos que privilegiam o enfoque politólogo, encontramos os aparatos discursivos utilizados pelo stronismo.

O stronismo adotou diversas retóricas a fim de se legitimar frente as esfera política e pública paraguaia, para assim, manter seu poderio. Dentre esses diversos aparatos discursivos encontramos o que nomeamos de *discurso histórico-nacionalista*, que como o nome já previamente indica, tinha o propósito de fornecer uma fonte de legitimidade que validasse o próprio regime, através dos usos do passado histórico incorporados através das premissas do revisionismo histórico e incrementados por fortes prédicas nacionalistas.

Como mencionado, o discurso histórico-nacionalista fundamentou-se nas premissas do revisionismo histórico. Reivindicou as figuras de Francia, Carlos Antonio López e Solano López como heróis nacionais, próceres da nação e fundadores da *paraguayidad*. Assim como a corrente revisionista, o regime stronista também posicionava a época em que o Paraguai viveu sob o comando dos governos *decimonónicos* como a “*Edad de Oro*” da história do país.

Governantes anteriores já haviam utilizado as premissas do revisionismo, reivindicando a glorificação dos próceres da nação. Porém, Stroessner não somente incorporou e reivindicou as imagens dos heróis nacionais enunciados pela corrente revisionista, mas também colocou-se como aquele que à frete da nação faria com que esta

conquistasse novamente a estabilidade política, a estabilidade e a autonomia econômica e a paz que teriam marcado a “*Edad de Oro*”.

Outro vulto da história do Paraguai que foi reivindicado pelo regime como herói nacional foi o general Bernardino Caballero (1839-1912). Caballero ademais de ter participado da Guerra da Tríplice Aliança, na qual teria tido um notável desempenho como comandante de tropas e general de Solano López, também desempenhou um destacado papel na esfera política do pós-guerra, nesta época atuou como ministro em diversas cadeiras nos Ministérios da Guerra e Marinha, da Justiça, do Interior e de Instrução Pública, para além, ocupou o posto de mandatário da nação primeiramente como presidente provisório (1880-1882) e, posteriormente, como presidente constitucional (1882-1886). Para mais, é considerado o fundador do Partido Nacional Republicano (ANR), ou mais conhecido como Partido Colorado, fundado em 1887. O regime stronista também intitulava Caballero como o “*Reconstructor*”, pois este como o “último general de Solano López” quando assumiu a presidência teria posto em prática a reconstrução da nação aos moldes da “*Edad de Oro*”. Porém, os esforços de reedificação do país a estes moldes foi interrompido com o fim do mandato de Caballero. Este intento de reedificação da nação, segundo o discurso histórico-nacionalista, teria continuado sob o comando de Alfredo Stroessner, autointitulado “*el Segundo Reconstructor*”, pois

(...) mientras que a Caballero se le atribuyó el haber establecido la deshecha economía en los años posteriores a la Guerra de la Triple Alianza, a Stroessner se le asignó el haber garantizado la paz política y el progreso económico tras la inestabilidad política y la inflación desenfrenada que siguieron a la guerra civil de 1947. (NICKSON, 2010, p. 286 e 287)

No discurso stronista a figura de Caballero como herói, ao lado de Francia e dos López, resulta um tanto paradoxal. Pois, mesmo tendo atuado como general de Solano López e lutado ao lado deste na contenda contra a Tríplice Aliança, após a guerra Caballero não apresentou uma posição positiva em relação ao seu antigo comandante. Tal imagem pouco lisonjeira ou até mesmo anti-lopezista, como nomeia Milda Rivarola (2013, p. 17), que Caballero carrega de Solano López pode ser verificada no seguinte fragmento do discurso proferido por este em 1873, ou seja, no período imediato à guerra:

Vencidos por la Alianza en lucha leal a la que fuimos conducidos por las ambiciones de un hombre de lanzó al fuego nuestro hermoso pabellón, había llegado a nuestro pueblo el momento de recoger el fruto de tanta sangre. En el postre combate, se había roto el último eslabón de la cadena que lo oprimía y era el momento en que debía erguirse libre, purificado por la sangre y el fuego. (CABALLERO, 1873 apud RIVAROLA, 2013, p. 17 e 18)

A única referência a qual nos deparamos durante nossos estudos que menciona a glorificação de Caballero nos discursos nacionalistas embalados pelo revisionismo, à exceção do discurso histórico-nacionalista stronista, foi-nos oferecida por Alfredo Boccia Paz (2013, p. 224), segundo o qual, houve a transferência dos restos mortais de Caballero para o Panteão dos Heróis durante o mandato de Molas López.

Isto posto, e considerando que o discurso histórico-nacionalista buscou interligar a memória dos governos *decimonónicos* com o ato de ser colorado, interpretamos o incremento da exaltação da figura de Caballero como uma forma de tornar mais concreta a ligação criada pelo discurso stronista entre os governos *decimonónicos* e coloradismo. Pois, Caballero foi general e braço direito de Solano López como foi, igualmente, fundador do Partido Colorado, tornando-se a meio de vinculação direta entre o lopizmo e o Partido Colorado.

Como vimos anteriormente, o revisionismo histórico também apresenta suas reinterpretações da Guerra da Tríplice Aliança, nas quais o Paraguai é representado como vítima do expansionismo dos países vizinhos, com destaque para o Brasil, que moveram uma guerra “injusta” que teria sido patrocinada pela Grã-Bretanha contra a nação paraguaia, sem mencionar o papel heroico legado a Solano López por ter lutado “incansavelmente” e até a morte em defesa de sua nação. Tais postulados também foram incorporados pelo discurso histórico-nacionalista, porém, com algumas alterações.

Nas etapas iniciais do revisionismo histórico, a culpabilidade pela Guerra da Tríplice Aliança recaía principalmente sobre a Argentina e o então Império Brasileiro, apenas indicando a Grã-Bretanha como patrocinadora da Tríplice Aliança. Porém, no rebuscamento do revisionismo sob o discurso histórico-nacionalista sustentado pelo stronismo, a culpabilidade da Grã-Bretanha sobre a guerra é intensificada. Como nos indica Doratioto (2000, p. 87), nas décadas de 1960 e 1970, tal culpabilidade legada a Grã-Bretanha encaixa-se nos interesses políticos da época, como o de “*construir na América Latina um modelo de desenvolvimento econômico não dependente*” (DORATIOTO, 2002, p. 87). E para atingir tal objetivo era necessário fortalecer os laços de cooperação e relação com os países vizinhos. Porém, como justificar as relações com os inimigos de guerra, principalmente com o Brasil?

Talvez a intensificação da culpabilidade da Grã-Bretanha pelo conflito, e posicionamento dos países da Tríplice Aliança como meras ferramentas utilizadas pela Grã-Bretanha contra o Paraguai, tenha sido uma forma de atenuar as contradições existentes entre

o discurso histórico-nacionalista e as relações mantidas, principalmente, com o Brasil pelo regime stronista.

Porém, o que podemos afirmar é que o discurso histórico-nacionalista empregado pelo stronismo continuou apresentando contradições quando comparado com a política de relações internacionais do regime chefiado por Alfredo Stroessner.

2.4 – As contradições entre o discurso histórico-nacionalista e as relações empregadas entre Paraguai e Brasil durante o stronismo

Desde os anos posteriores a Guerra da Tríplice Aliança, o Paraguai manteve majoritárias relações econômicas e comerciais com a Argentina. Sem saída ao mar, a nação paraguaia tornou-se dependente do porto de Buenos Aires para importar produtos e escoar suas produções para o mercado externo, deste modo produziu-se uma dependência histórica do Paraguai em relação ao país vizinho.

Como nos indica Doratioto (2012, p. 275), a partir da década de 1920 inicia-se o processo de reaproximação entre Brasil e Paraguai. A reaproximação¹⁷ entre os dois países ocorre de acordo com os interesses dos governos liberais desta época, que tinham a intenção de diminuir a dependência econômica e comercial que possuía em relação à Argentina. As relações entre as duas nações começa a se concretizar a partir de 1939, sob a presidência de Estigarribia. Doratioto afirma que a aproximação entre as duas nações nesta época foi “(...) resultado do interesse comum em que o comércio exterior do Paraguai se desviasse para o Brasil e da identidade política entre os regimes de Getúlio Vargas e os de Estigarribia e Higinio Morínigo.” (DORATIOTO, 2012, p. 441).

Porém, acrescentamos que a reaproximação entre Paraguai e Brasil não foi somente resultado de interesses econômicos e comerciais compatíveis ou de uma identificação política, mas, principalmente para o Paraguai, como uma forma de sair da dependência

¹⁷ Aqui referimo-nos a “reaproximação”, pois levamos em conta as relações diplomáticas existentes entre Brasil e Paraguai no século XIX, principalmente, durante a presidência de Carlos Antonio López quando o Paraguai abriu-se mais para o exterior, o Brasil reconheceu a independência paraguaia e iniciou uma diplomacia mais próxima com o país vizinho, visto que o Império Brasileiro temia que Rosas, chefe da Confederação Argentina, tivesse pretensões de incorporar Paraguai e Uruguai a Confederação. Pois, uma vez que isso ocorresse, o Brasil possivelmente perderia o direito à navegação já que os rios platinos perderiam o status de internacionais ao passar a pertencerem a Confederação. Posteriormente, as relações entre Paraguai e Brasil foram interrompidas durante a Guerra da Tríplice Aliança, e depois da assinatura dos Tratados de Paz que estipularam as divisas entre os países envolvidos na contendo, as relações entre as duas nações esfriaram e se tornaram pouco expressivo. As relações entre os dois países vizinhos só voltariam a serem consideráveis a partir da década de 1920.

histórica com a Argentina. E esta reaproximação atingiria seu auge durante o governo de Stroessner.

No decorrer do regime stronista intensificou-se as relações entre Brasil e Paraguai, através da assinatura de tratados, acordos de cooperação, etc. A integração entre os dois países deu-se através de diversas vias, como militar, comercial, econômica e cultural. Porém, as relações entre os dois países era mais acentuada e notável no aspecto econômico ou ainda, no aspecto econômico-comercial. Não é por menos que na historiografia sobre as relações entre os dois países destaque dois tratados que previam a promoção econômica paraguaia. O primeiro deles é a firma do acordo para a construção da Ponte Internacional da Amizade (1956), localizada na divisa entre os dois países ligou a cidade paraguaia Puerto Presidente Stroessner – atual Ciudad del Este – à cidade fronteiriça brasileira Foz do Iguaçu. Também foi durante a vigência do governo chefiado por Stroessner que foi assinado o Tratado de Itaipu (1973), que se tornaria o maior símbolo das relações entre Brasil e Paraguai.

Como já destacado, as relações econômicas com o Brasil propiciaram ao Paraguai uma via de saída da secular dependência geopolítica que mantinha com a Argentina, sendo que, este era um dos grandes objetivos almejados pelo regime stronista. Porém, as alianças com o governo brasileiro ajudaram a atingir outros objetivos pretendidos pelo regime e, também, divulgados através de seus aparatos discursivos, como é o caso do progresso e desenvolvimento da economia paraguaia em geral. Ademais, as cooperações entre os dois contribuíram para a repressão e minimização da oposição pelo regime e para a constituição e retenção de uma camada de apoio em torno de Stroessner. Tais aportes que contribuíram para o fortalecimento do regime stronista originados das alianças entre Brasil e Paraguai serão ilustradas a seguir, através de exemplos de cooperação que efetivamente se concretizaram entre os dois países vizinhos.

O primeiro exemplo a ser evidenciado é a firma de um acordo em 1956 que previa a construção de uma rodovia que ligaria as cidades paraguaias de Coronel Oviedo e Puerto Presidente Stroessner. A já existência de uma via que ligava Coronel Oviedo com Assunção juntamente com a construção desta nova rota ligando a capital paraguaia ao limite territorial paraguaio-brasileiro, proporcionaria uma via de escoamento de importações e exportações para a economia paraguaia, que não a saída pela Argentina. O acordo para a construção desta rodovia foi assinado em janeiro de 1956, financiada com recursos brasileiros a construção da

via foi iniciada no mesmo ano e, daria origem a uma das mais importantes rodovias paraguaias, conhecida como *Ruta 7*.

Como nos indica Ceres Moraes (2000, p. 96), também no ano de 1956 foi estabelecido entre os dois países um acordo que daria origem a Ponte Internacional da Amizade erigida sobre o rio Paraná, que daria continuidade a *Ruta 7* ligando Pto. Pres. Stroessner e Foz do Iguaçu, por conseguinte, dando acesso a BR-277 (rodovia brasileira) e, finalmente, permitindo acesso rodoviário ao porto de Paranaguá. Desta forma, estabelecendo porto franco em Paranaguá¹⁸ para o país vizinho, o Brasil oferecia ao Paraguai uma saída ao mar, libertando o país guarani da dependência em relação ao porto de Buenos Aires.

Os acordos entre esses dois países foram volumosos e muito significativos nesta época, porém, as relações entre as duas nações não ficou livre de tensões. Em 1965 houve um desconforto entre Brasil e Paraguai decorrentes da posse do Salto das Sete Quedas ou Salto Guairá, como nos descreve Alfredo Mota Menezes:

Em junho de 1965, um pequeno número de soldados brasileiros pertencentes à 5ª Companhia de Fronteira, sediada na cidade de Guaíra, no Estado do Paraná, ocupou uma pequena faixa de terra próxima a Sete Quedas, a três quilômetros da fronteira com o Paraguai. O Paraguai imediatamente reclamou. (MENEZES, 1987, p.69)

Deste episódio surgiu a conhecida polêmica entre Brasil e Paraguai em torno do Salto do Guairá. Foram evocadas, de ambos os lados, diversos argumentos que provassem a posse desta porção por um ou outro. A situação só seria resolvida em 1966 com a assinatura da “Ata das Cataratas”, que previa o estudo e aproveitamento hidrelétrico do trecho que compreendia o Salto do Guairá até a foz do rio Iguaçu, o acordo também previa a divisão igualitária da energia produzida mediando o aproveitamento em conjunto do potencial hidrelétrico da região anteriormente em disputa pelas duas nações.

Por sua vez, o acordo de aproveitamento conjunto do potencial hidrelétrico da região firmado através da “Ata das Cataratas”, daria origem ao Tratado de Itaipu assinado em abril de 1973.

Pelo tratado criou-se uma entidade binacional denominada Itaipu, para realizar o aproveitamento hidrelétrico, constituída pelas empresas públicas Ande do Paraguai e Eletrobras do Brasil, com igual participação de capital. (YEGROS; BREZZO, 2013, p.167)

¹⁸ O porto franco em Paranaguá foi fornecido ao Paraguai no dia 20 de janeiro de 1956, logo após a assinatura do acordo que originaria a construção da *Ruta 7*.

Como nos indica a passagem à cima, a partir deste tratado foi criada a Usina Hidrelétrica de Itaipu ou simplesmente, Itaipu Binacional. Tal empreendimento começou a ser construído no início de 1971, e foi inaugurado oficialmente em 1985.

Para além de representar um “boom” econômico para o Paraguai, a época da construção de Itaipu acabou constituindo uma nova classe política e econômica, que se organizou como uma base de apoio em torno do regime stronista.

Além do apoio no campo econômico, às relações com o Brasil também renderam ao Paraguai contribuições no campo militar. À exemplo da cooperação militar que se realizou entre os dois países, destacamos a chamada “Missão Militar de Ensino” que acordada em 1941, *“tinha por finalidade organizar cursos de cavalaria, equitação e educação física”* (MORAES, 2000, p. 92), esses cursos eram destinados aos militares paraguaios sendo coordenados pelo Exército Brasileiro. Esta missão continuou em vigor durante o regime stronista, promovendo a preparação do Exército Paraguai mediante capacitações e treinamentos em território nacional e, frequentemente, através do envio de militares paraguai a escolas militares brasileiras. A cooperação militar entre Brasil e Paraguai também rendeu à nação paraguaia o envio e doação de materiais bélicos – armas, arsenais, aviões, etc. – pelo governo brasileiro. Os inúmeros treinamentos, especializações e recebimento de arsenais bélicos ajudou o regime a fortalecer sua proteção interna e, conseqüentemente, aprimorar sua capacidade de repressão e contenção da oposição, principalmente, dos movimentos armados contrários ao regime.

Porém, o estabelecimento de relações econômico-comerciais e militares não daria conta de concretizar definitivamente as alianças entre os dois países, sendo assim, também ocorreram empreendimentos que procuravam estabelecer a integração cultural entre as duas nações. Pois, diferente do caso da Argentina que possuía correspondências culturais com o Paraguai, como é o caso da língua, o Brasil ainda mostrava-se distante no imaginário paraguai, muitas vezes as relações com o Brasil eram hostilizadas pela sociedade como resultado das heranças históricas que permaneceram desde os conflitos com a Tríplice Aliança.

E este foi o caso da Missão Cultural Brasileira, que foi formalmente criada por meio de um acordo assinado em 1952 entre os dois países. Tal empreendimento, inicialmente, teve

(...) como finalidade principal, organizar cursos de português no Paraguai. E, em cooperação com a Universidade Nacional de Assunção, deveria fornecer professores especializados em Psicologia, Didática Geral, Língua Portuguesa e Literatura Luso-brasileira, devendo também a Missão desenvolver projetos educacionais que pudessem ser de interesse para o intercâmbio Brasil-Paraguai. (MORAES, 2000, p. 100).

A exemplo do ocorrido com as relações entre Paraguai e Brasil, a atuação da Missão cultural Brasileira também se intensificou durante o período de vigência da ditadura chefiada por Stroessner. Durante o stronismo, além das atividades educacionais, a Missão também passou a acentuar as intervenções de cunho mais cultural, como por exemplo, a realização de apresentações artísticas da cultura brasileira.

Isto é, concretizou-se como uma tentativa de aproximar culturalmente e afetivamente Brasil e Paraguai, principalmente, por meio da educação. Pois, como nos indica Ceres Moraes, “*era fundamental que os paraguaios, que durante cerca de oitenta anos haviam considerado o Brasil como o grande vilão de sua história, passassem a vê-lo como aliado e, mais do que isso, como amigo.*” (MORAES, 2000, p. 101)

Finalmente, a observação de Ceres Moraes há pouco mencionada também nos encaminha para a discussão das contradições entre o discurso histórico-nacionalista empregado pelo regime e as relações promovidas por este entre Paraguai e Brasil. Pois, ao mesmo tempo em que o regime convocava, exaltava e utilizava as imagens de Francia e dos López – principalmente a de Solano López –, e invocava as memórias da Guerra da Tríplice Aliança apresentando esta como uma “epopeia heroica” para o Paraguai que lutou para se defender de uma guerra injustamente movida contra ele, o regime também manteve amplas relações com o Brasil, antigo inimigo de guerra e país cujas tropas teriam assassinado no campo de batalha o maior “prócer” paraguaio reivindicado pelo stronismo, Francisco Solano López.

Tal contradição mostra-se tão evidente que até mesmo o regime procurou ameniza-las, como por exemplo, ao procurar justificar as alianças com o Brasil apresentando este como uma via de desenvolvimento e progresso para o Paraguai. Ademais, houve uma tentativa de “adaptação” de algumas premissas do revisionismo ao incorporar estas ao discurso histórico-nacionalista. Como vimos anteriormente, nas décadas de 1960 e 1970 houve uma intensificação da culpa da Grã-Bretanha sobre o conflito do século XIX, consequentemente, diminuindo a culpabilidade dos países aliados sobre o conflito.

É essa tentativa de conciliar as duas conjunturas que procuraremos levantar na parte seguinte deste trabalho. Tal levantamento será realizado mediante à análise do que chamamos de “literatura stronista”.

3. As contradições e conciliações entre o discurso histórico-nacionalista e as relações com o Brasil na “literatura stronista”¹⁹

“Paraguay fue visto como un país sin sociedad, con gente niña, donde sólo podía funcionar con eficiencia la misión y en donde el despotismo estatal tenía función civilizadora o, al menos, constituía un echo inevitable”

José Carlos Rodríguez (1991 apud SOLER, 2014, p. 37)

3.1 – A “Literatura Stronista”

A ditadura stronista se utilizou de métodos como a repressão, a violência, o fomento de uma cultura do medo, as limitações das liberdades individuais, o controle do ambiente político como meios mediante os quais procurou controlar o dissenso e, desta forma, manter-se no poder. Porém, estes não foram os únicos métodos utilizados a fim de conquistar e conservar o poderio do regime. O stronismo também utilizou amplamente uma propaganda sistemática oficial que promovia a imagem do regime e de seu líder, na maioria das vezes, através da divulgação e exaltação das ações e obras realizadas pela ditadura ou, até mesmo, através do enaltecimento do líder do regime mediante a glorificação de sua biografia e traços “excepcionais” de seu caráter, apresentando-o como um líder “forte”, “inteligente”, “determinado”, “herói” da Guerra do Chaco que trataria de encaminhar o Paraguai ao caminho do progresso, da paz e do desenvolvimento, como “herdeiro” legítimo dos próceres da nação.

A vinculação dessas imagens e valores pela “propaganda stronista” ocorria através de diferentes meios, a fim de atingir o mais amplo público possível que, por sua vez, procurava produzir a mais vasta disseminação e incorporação destes discursos. Desta forma, esses discursos e imagens eram difundidos através da imprensa em geral – rádios, televisão, jornais, periódicos, etc. –, mas também através dos discursos proferidos pelo próprio

¹⁹ Tomamos a liberdade de incorporar o termo “literatura stronista” de dois estudos realizados por Paulo Renato da Silva (2014), e outro deste em parceria com Rosângela de Jesus Silva (no prelo), os dois trabalhos abordam o mesmo grupo de livros que aqui trabalhamos. Desta forma, achamos conveniente adotar tal termo.

mandatário da nação e chefe da ditadura, discursos que eram muito frequentes, principalmente em datas comemorativas, como o próprio aniversário de Stroessner²⁰.

Apesar das escassas informações sobre a produção, objetivos e circulação, consideramos que o material que aqui adotamos para ser analisado foi parte integrante da “propaganda stronista”. Nos referimos a “literatura stronista”, um conjunto de livros produzidos e publicados durante a ditadura que, em sua maioria, foram escritos por colorados ou aliados do regime, com o fim de divulgar e promover o regime e seu chefe. Esses trabalhos divulgavam as obras realizadas pelo regime, principalmente, obras de infraestrutura que acusassem o “desenvolvimento” econômico paraguaio que estava sendo promovido nestes anos através das políticas “modernizadoras” do regime e, também, promoviam a imagem do “líder” mediante a vinculação da “excepcional” biografia de Stroessner – que todos os livros aqui analisados apresentam – e, também, a exaltação da imagem de Stroessner como um “notável líder”, para isso, destacando sua “inusual” competência e pré-disposição para o trabalho incansável, a sua característica de “líder moderno e visionário”, além de ser continuamente posicionado como “herdeiro” e “continuador” político dos próceres da nação, enunciados desde os fins do século XIX pelo revisionismo histórico.

Robert Darnton em sua obra *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*, disserta sobre a circulação de títulos proibidos na França durante o Antigo Regime, e destaca a dificuldade que as autoridades francesas encontravam para conseguir “definir o ‘público’ que essas obras atingiam (DARNTON, 1998, p. 249). Da mesma forma, existe uma dificuldade em conseguir traçar os alcances da “literatura stronista”. Porém, apesar de acreditarmos que essas obras eram destinadas, prioritariamente, para os círculos políticos mais imediatos ao regime, consideramos que, obras como essas possivelmente se dissiparam para além dos campos objetivados.

Ou seja, é factível sugerir que estas obras, isto é, seus conteúdos se disseminaram para além do objetivo primeiramente proposto. Esta maior disseminação pode ter ocorrido de diversas formas, principalmente, através de novas apropriações como, por exemplo, informações passadas de boca-a-boca, em conversas do dia-a-dia, etc.

²⁰ Nos aniversário de Alfredo Stroessner, ocorridos durante a vigência do regime sob seu comando, foram promovidos festejos públicos – não temos informações sobre quem organizava esses festejos – em comemoração ao aniversário de nascimento do mandatário da nação.

Ademais, a existência dessas obras – a exemplo da utilização de discursos como fontes de legitimação, como por exemplo, o discurso histórico-nacionalista – demonstram a necessidade do regime stronista de se legitimar, de justificar seu poder e suas ações. E essa necessidade em se legitimar, por sua vez, acusa como equivocadas as ideias deterministas sobre o Paraguai e, especialmente, sobre a ditadura stronista que afirmam que este regime logrou controlar e eliminar todos os focos de oposição e dissenso. Tais interpretações apontam uma sociedade paraguaia “calada”, “silenciada” e “passiva” diante de um governo forte e repressivo, como o foi o chefiado por Stroessner e os anteriores a este. Como nos acusa José Carlos Rodríguez:

Paraguay fue visto como un país sin sociedad, con gente niña, donde sólo podía funcionar con eficiencia la misión y en donde el despotismo estatal tenía una función civilizadora o, al menos, constituía un hecho inevitable. (RODRÍGUEZ, 1991 apud SOLER, 2014, p. 37)

Porém, a existência dessas obras e a utilização de aparatos discursivos atestam a necessidade do regime em fabricar e demonstrar sua legitimidade que, por sua vez, enunciam a existência de uma opinião pública ou, no mínimo, a existência de tensões entre a opinião pública e o regime. Pois,

(...) ningún régimen moderno inclusive las dictaduras, específicamente las institucionales de las Fuerzas Armadas del Cono Sur, entendidas como ruptura y clausura del orden constitucional, pudieron negar el principio de soberanía que emana del pueblo como fuente de legitimidad y como fundamento de la justificación del gobierno, razón por la cual crearon o recrearon un conjunto de mecanismos procedimentales (constituciones, plebiscitos, leyes, derechos, actos públicos, Consejos de Estado) para saldar y organizar el consenso del pueblo que “deberían” representar. (SOLER, 2014, p. 174)

Mediante a atestada existência de uma opinião pública que também, muitas vezes, se manifestou crítica às relações mantidas com o Brasil durante a ditadura, procuramos analisar as contradições e as tentativas de conciliação entre o discurso histórico-nacionalistas e as relações com o Brasil – e suas intrínsecas justificativas – na “literatura stronista”.

3.2 – Discurso histórico-nacionalista e as relações com o Brasil: contradições e conciliações na “literatura stronista”

Para analisar essas conjunturas através da “literatura stronista” adotamos um grupo de sete livros, que foram publicados entre 1966 e 1987. Estes livros são: *La época de*

Stroessner: valoración política, histórica y filosófica (1966), de Augusto Moreno, *Stroessner: una luz en la noche* (1968) e *Stroessner: el presidente de la Paz, del Progreso e del Bienestar* (1973), ambos de Cristóbal A. Frutos Neusffamer, *Stroessner*, de Sindulfo Perez e Carlos Meo, *Stroessner, Caudillho de America* (1974), de Roque Vallejos, *El Presidente Stroessner en el Marco de la Historia Nacional* (1978), de Horacio Escobar Martinez e, por último, *Stroessner: un modelo republicano y democrático de gobierno* (1987), de Adan Godoy Jimenez.

Como vimos anteriormente, o discurso histórico-nacionalista exaltou e glorificou Francia e os López como “heróis” e “próceres” da nação e, utilizando como uma fonte de legitimidade, apresentou Stroessner como “herdeiro” político e “continuador” desses vultos históricos. Desta forma, não é de estranhar que este conjunto de livros aqui abordados, sendo integrantes do que chamamos de “literatura stronista”, incorporassem as premissas deste discurso.

Um excelente exemplo da presença do discurso histórico-nacionalista na “literatura stronista” é o livro *El Presidente Stroessner en el marco de la historia nacional* de Horacio Escobar Martinez, nesta obra é feito um apanhado da história paraguaia destacando os próceres celebrados pelo revisionismo histórico e pelo regime stronista:

Hasta 1870, además de los gestores de la emancipación política, de los próceres de Mayo, el Paraguay tuvo la fortuna de contar en las filas de sus líderes con hombres providenciales, figuras señeras como la del Dr. JOSE GASPARD RODRIGUEZ DE FRANCIA, DON CARLOS ANTONIO LOPEZ Y EL MARISCAL FRANCISCO SOLANO LÓPEZ. (MARTINEZ, 1978, p. 83)

Um dos traços mais marcantes do regime stronista foi o personalismo, ou seja, a exaltação ou culto da imagem de um líder, neste caso Stroessner, como referência primordial do governo e da nação. Também encontramos essas características nas obras analisadas, onde a imagem de Alfredo Stroessner era continuamente exaltada, principalmente, através da vinculação de sua biografia destacando as características “excepcionais” de Stroessner como um indivíduo e como um “líder”. Com a mesma frequência, a imagem de Stroessner era associada aos “próceres da nação”. E essas associações vão mais além, como podemos igualmente verificar no discurso histórico-nacionalista stronista, apresentam Stroessner como “sucessor” dos heróis nacionais enunciados pelo revisionismo histórico. Tal traço também pode ser verificado no livro de Horacio Escobar Martinez, anteriormente citado, como por exemplo, na seguinte passagem:

Si el Dr. FRANCIA, al proclamar que el “PARAGUAY NASCIA PARA NO SER SUBJULGADO A PODER ALGUNO”; Si el Patriarcal Don Carlos instituyó en los documentos de su administración el emblema: “VIVA LA REPUBLICA DEL PARAGUAY. INDEPENDENCIA O MUERTE”; si el Mariscal López designó al General Caballero como sucesor y heredero de las glorias de la Patria y selló con su heroica inmolación el lema de VENCIR O MORIR, es que, incuestionablemente STROESSNER al retomar la bandera de redención de nuestro pueblo ha reatado el hito de la historia con su conducta y con su ejemplo, y porque aglutina en su persona las virtudes carismáticas de aquellos prohombres de la nacionalidad, al haber transformado la fisionomía de la República, convirtiéndola en la pujante y pacífica nación ejemplo de paz y de progreso en América y el mundo. (MARTINEZ, 1978, p. 84)

Como vimos no capítulo anterior, ao construir um discurso histórico de justificação do regime baseando-se nas premissas do revisionismo histórico, o stronismo incorporou outros elementos. Um desses elementos adicionais foi o enaltecimento de Caballero como herói nacional e “*Reconstructor*” da nação paraguaia após a Guerra da Tríplice Aliança. Caballero foi exaltado de maneira semelhante ao empregado com os demais heróis nacionais, ou seja, Francia e os López. Tal fato verifica-se, igualmente, nas obras da “literatura stronista”. No livro *Stroessner: uma luz en la noche*, Cristóbal A. Frutos Neusffamer transcreve um discurso proferido por Stroessner em resposta a admissão, por parte da Junta de Governo do Partido Colorado, de sua postulação como candidato à presidência pelo partido nas eleições de 1954, que o levariam ao poder. Neste discurso, destacando o papel de fundador do Partido Colorado e “reconstrutor” da nação desempenhado por Caballero, Stroessner aponta este como exemplo a ser seguido:

Ante tan glorioso ejemplo que ningún civil ni militar paraguayo puede tener ausente de su memoria, los modestos continuadores de su obra no tenemos otro camino a elegir sino esforzarnos a ser fieles mantenedores de su legado. Puesto así mi pensamiento en la figura Prócer del General Bernardino Caballero, acepto la voluntad de la H. Junta de Gobierno, y agradezco el inmenso honor que representa para mí el haber propiciado mi Candidatura para la Presidencia Constitucional de la República. (STROESSNER, 1954 apud NEUSFFAMER, 1968, p. 25 e 26)

Ademais, é construída uma linha de conexão e continuidade entre Francia e os López, Caballero e Stroessner. Nesta elocução podemos verificar como Caballero trabalha como ligação direta entre Stroessner e os próceres *decimonónicos*, principalmente Solano López que teve Caballero, futuro fundador do Partido Colorado, como general e braço direito. Pois, “(...) *en la genealogía de los Héroes máximos de la Patria, Caballero descende de López y Stroessner de Caballero.*” (MARTINEZ, 1978, p. 85). Tais traços de conexão entre os enunciados heróis nacionais e Stroessner, que procurava se autodenominar uma entidade heroica da nação, podem ser verificados na seguinte passagem:

Así con destellos luminosos de rayos inextinguibles, han ido engalanando la galería de las glorias, los colosos de nuestra nacionalidad. Y hoy los nombres de Gaspar

Rodríguez de Francia, Carlos Antonio López, Bernardino Caballero y otros, sintetizan todo el temple y decisión de una raza jamás vencida, en cuyos ilustres ejemplos, las generaciones sucesivas encuentran la savia portentosa en que nutrir el vigor de un nacionalismo auténticamente paraguayo.

Y en su eterno trajinar, surgió una etapa de incertidumbres, motivada por hechos y circunstancias que truncaron durante largas jornadas, el impulso vigoroso que para la reconstrucción nacional, luego de la hecatombe del 65 a 70, había impreso en el andar de la patria, el rubio Centauro de Ybycuí.

Pero estaba escrito que la patria había de ser nuevamente redimida por un hombre excepcional y surgió entonces la egregia figura del General de Ejército Don ALFREDO STROESSNER, quien supiera sufrir los rigores de la guerra para luego amar la paz. (...)

Y justamente la semblanza de ejemplar estadista, héroe por antonomasia, reconstructor indiscutido del nuevo Paraguay, líder admirado y respetado de la unidad americana (...) (VELLEJOS, 1974, p. 6 e 7)

Além do mais, nesta mesma passagem podemos constatar a presença de outro traço característico e muito frequente do discurso stronista. Ao referir-se a uma “*etapa de incertidumbres*” o autor, nitidamente, dirige-se a época de domínio liberal que no discurso stronista é continuamente representada como uma fase de decadência da nação paraguaia. De forma mais ampla, o período entre o fim do governo de Caballero e o início da chefia de Stroessner é representada de forma negativa, como uma ruptura dos tempos de glória da nação que só seriam retomados com Stroessner. Este período de ruptura apresentado pelo discurso stronista, inclusive, inclui governos colorados, principalmente os que antecederam Stroessner.

Ainda em torno da imagem de Caballero, o stronismo utilizou este como uma forma de ligar os “heróis” *decimonónicos* ao Partido Colorado. Em uma passagem do livro *Stroessner: una luz en la noche* o já citado Neusffamer, além interligar os governantes *decimonónicos* ao ato de “ser colorado” também, associa Juan E. O’Leary, nome máximo do revisionismo histórico paraguaio, ao Partido Colorado, como podemos verificar na subsequente passagem:

Así como colorado debió ser el General Bernardino Caballero, a dar nacimiento a su Partido, como un Partido heredero de los muertos pela Patria, solamente tenía que ser el máximo reivindicador de nuestros héroes, el héroe, a su vez, en las batallas de la justicia histórica, y que hoy honra a nuestro espíritu con su presencia en este acto: Don Juan E. O’Leary. (NEUSFFAMER, 1968, p. 28 e 29)

Outro elemento que foi incorporado pelo discurso histórico-nacionalista, porém, com menos frequência quando comparado aos próceres *decimonónicos* e Caballero, foi o enaltecimento da figura do general Estigarribia, especialmente destacado como um herói da Guerra do Chaco. Este rasgo do discurso stronista também se encontra presente na obra *Stroessner, caudillo de América*, de Roque Vallejos. O autor, ao comparar Stroessner aos

“heróis” nacionais que aqui já nos referimos, compara Stroessner à Estigarribia, destacado por sua atuação na contenda do Chaco:

[Stroessner] Se halla en la misma dimensión moral de los prohombres, que salvaran a la Patria Grande, del sometimiento, a potencias extrañas a nuestra nacionalidad, como Francia, los López, Caballero y en el mismo escalafón histórico de los que salvaran a la Patria de la mutilación y la deshonra, como compendiará el vencedor del Chaco, Mariscal José Félix Estigarribia. (VALLEJOS, 1964, p. 34)

Outra premissa do discurso stronista presente nestas obras é a afirmação da Guerra da Tríplice Aliança como uma epopeia nacional, ou seja, como uma “experiência heróica” para o povo paraguaio que lutou para defender-se de uma guerra injustamente movida contra estes. Neste aspecto “la Guerra Grande”, como é amplamente conhecida no Paraguai a Guerra da Tríplice Aliança, foi “(...) *la inmortal Epopeya del 64 al 70 en cuya fragua se plasmó el heroísmo legendario de nuestro pueblo y su decisión de VENCER O MORIR por la bella causa de su Libertad y de su independencia.*” (JIMENEZ, 1978, Prólogo)

Nestas obras, e também no discurso stronista, além de Stroessner ser apresentado em analogia aos “próceres nacionais”, este também é caracterizado mediante traços excepcionais. Ao exaltar a imagem de Stroessner, tanto os libros aquí abordados quanto o próprio regime stronista, vai traçando “(...) *al héroe de la guerra, al hombre de la paz, al creador de un Estado moderno, servidor del hombre libre, al constitucionalista, y otros tantos, que van resumiendo la magnificencia de un elegido para las glorias.*” (VALLEJOS, 1974, p. 8)

Como podemos verificar na passagem anteriormente citada, uma das características atribuída a Stroessner é o de “*creador de un Estado moderno*” ou, por assim se dizer, de Stroessner como um líder e governante “modernizador”, característica que era aplicada aos vários aspectos de seu governo, na própria constituição do Estado, nos traços de instituição “democrática” de seu governo, nas suas ações para a promoção do bem-estar nacional, etc. Ademais, a característica de Stroessner como governante “modernizador” é marcadamente aplicada à representação de suas ações em relação à economia nacional. Neste aspecto, ligada ao retrato “modernizador” atribuído à figura de Stroessner encontra-se a imagem de governo “desenvolvimentista” criada e disseminada pela propaganda sistemática stronista. Neste discurso desenvolvimentista utilizado pelo stronismo, o Brasil desempenhava um importante papel. Como já evidenciado neste trabalho, a nação brasileira era representada como uma via de desenvolvimento e modernização para a economia paraguaia.

Nas obras da “literatura stronista” aqui adotadas, além do imenso espaço dado a biografia de Stroessner também é verificado um amplo espaço dedicado à divulgação da “modernização” posta em prática pelo regime, principalmente, através da realização de obras de infraestrutura. Neste aspecto, dá-se destaque também ao importante papel da cooperação com o Brasil para a realização desses avanços. O ato de apontar as obras de “modernização” construídas em cooperação com o Brasil, demonstra uma tentativa de representar a nação brasileira como uma vantajosa nação parceira.

A enumeração das obras realizadas com o apoio do Brasil como forma de justificar as relações com essa nação apresentando-a como um elemento intermediário entre o Paraguai e o desenvolvimento, também verifica-se na “literatura stronista”. Alguns destes livros destacam “(...) *la suscripción de numerosos convenios de cooperación bilateral, entre cuyos resultados se encuentran el Puerto Libre de Paranaguá sobre el Océano Atlántico (...)*” (JIMENEZ, 1987, p. 30)

Juntamente com a construção da Ruta 7 que, construída em cooperação com o Brasil, ligou as cidades paraguaias de Coronel Oviedo e Puerto Presidente Stroessner, e a construção da Ponte da Amizade, o estabelecimento de um porto franco em Paranaguá representaram uma das maiores realizações do governo stronista, que atingiu um ensejo paraguaio de décadas, o de livrar-se da dependência do porto de Buenos Aires.

Desta forma, as referências à Ponte Internacional da Amizade são muito recorrentes devido à sua importância para o desenvolvimento da economia paraguaia, pois, como destacado logo acima, esta representou uma segunda opção de saída ao mar para o Paraguai, que não fosse o Porto de Buenos Aires. Sendo assim, não é de se estranhar que em alguns dos livros que aqui foram analisados, tal empreendimento é mencionado com notável destaque, como podemos verificar a seguir na transcrição do discurso de Stroessner proferido na inauguração da Ponte Internacional da Amizade, em 27 de março de 1965:

El destino quiso que estuviésemos ahora aquí para ver concretada esta idea, con la terminación de la ruta asfaltada que une Asunción con la frontera del Brasil, sobre este hermoso río y este monumental Puente...

Mi Gobierno se enorgullece de haber abierto la región del Alto Paraná a la corriente del progreso que abarca toda la República. (STROESSNER, 1965 apud MORENO, 1966, p. 224 e 225)

Como podemos perceber, no caso do livro *La Época de Stroessner: Valoración Política, Histórica y Filosófica*, que apesar de algumas observações que serão evidenciadas a

seguir, o autor apresenta uma visão positiva em relação as alianças firmadas entre Paraguai e Brasil.

Outro ponto capital que aparece com frequência é a elucidação da tensão entre Paraguai e Brasil em 1966, ocasionado pela polêmica dos Saltos do Guairá, e que resultou no tratado que, posteriormente, deu origem a Itaipu foi apresentado pelo stronismo como seu maior feito diplomático. Desta forma, no livro *Stroessner: un modelo republicano y democrático de gobierno*, Adan Godoy Jimenez cita a polêmica sobre os Saltos, porém, o autor dá maior atenção e destaque aos frutos da solução diplomática firmada entre as duas nações, ou seja, ao aproveitamento do potencial hidrelétrico da região do rio Paraná que estava em disputa. Jimenez destaca assim a situação:

Sin duda, el problema del Salto del Guairá, que ocupó toda la atención del pueblo paraguayo durante el año 1966 y que podría haber constituido conflicto de serias consecuencias para el país, teniendo en cuenta el mayor dimensionamiento geodemográfico de la República Federativa del Brasil, tuvo un resultado altamente satisfactorio para ambas naciones: la firma del Tratado de Itaipú, que dio curso legal para la construcción de la HIDROELECTRICA MAS GRANDE DEL MUNDO. (JIMENEZ, 1987, p. 30)

Logo em seguida Jimenez (1987, p. 32) também destaca o acordo firmado entre Paraguai e Argentina que daria origem a Hidrelétrica de Yacyretá, o que reforça nossa afirmativa que indica o substantivo aumento das relações com o Brasil ocorrido durante o regime stronista, como uma estratégia utilizada pelo governo paraguaio para tentar diminuir sua dependência em relação à Argentina através de uma política de relações pendulares, ou seja, de equilíbrio entre Brasil e Argentina. O que contradiz as frequentes ideias que indicam o regime stronista como “inclinado” ao Brasil, reforçando assim tradicionais afirmações que apontam o Partido Colorado como “pró-Brasil” e, conseqüentemente, o Partido Liberal como “pró-Argentina”.

No livro *Stroessner* escrito por Sidulfo Perez e Carlos Meo, encontramos uma passagem extremamente interessante. Nesta passagem, os autores transcrevem uma suporta carta do Duque de Caxias que foi comandante do Exército Imperial Brasileiro na Guerra da Tríplice Aliança, destinada à Don Pedro II, imperador brasileiro. Nesta carta Duque de Caxias dispensa grades elogios a “bravura” dos soldados paraguaios e, inclusive, se refere positivamente as características de comandante de López ao descrevê-lo como um condutor que “magnetiza” seus exércitos. Transcrevemos alguns trechos desta carta:

... Todos los encuentros, todos los asaltos, todos los combatientes habidos desde Coimbra a Tayutí, muestran y sostienen de una manera incontestable que os

soldados paraguayos son caracterizados de una bravura, de un arrojo, de una intrepidez y una valentía que raya a ferocidad sin ejemplo en la historia del mundo...

(...)

... López tiene también el don sobrenatural de magnetizar a sus soldados, infundiéndoles un espíritu que no puede apreciarse bastantemente con la palabra; el caso es que se vuelven extraordinarios; lejos de temer el peligro acometen con un arrojo sorprendente; lejos de economizar su vida, parece que buscan con frenético interés la ocasión de sacrificarla heroicamente y de venderla por otra vida o por muchas vidas de sus enemigos... (PEREZ; MEO, 1972, p. 198 e 199)

Porém, resta-nos a dúvida em relação ao motivo pelo qual esta carta foi transcrita nesta obra. Se esta foi uma tentativa de exaltar os exércitos paraguaios e Solano López, ao demonstrar que até mesmo os comandantes inimigos admitiam os traços “excepcionais” das tropas paraguaias e de seu comandante. Ou se esta se apresentou como uma tentativa de apresentar o Brasil de uma forma mais amena e positiva, procurando conciliar as contradições do regime stronista que utiliza o discurso histórico-nacionalista evocando as memórias da guerra, mas também estabelece relações de cooperação com o antigo “agressor” de sua nação. Ou seja, uma tentativa de conciliação nos mesmos parâmetros que as justificativas apresentadas para legitimar as relações com o Brasil, apresentando este como um parceiro potencial e como uma via de desenvolvimento para a economia do Paraguai, que a maioria desses livros realiza mediante a enumeração de obras e avanços realizados em cooperação com o Brasil.

Até esta altura apresentamos as marcas e reproduções dos discursos do regime na “literatura stronista”, já que as obras que formam esta “literatura” foram escritas por aliados do regime que acreditavam ou incorporavam as premissas dos discursos erigidos pelo stronismo. Porém, como sabemos, os discursos não são incorporados de forma totalmente fiel e automática, eles são resignificados e transformados. A incorporação das ordens discursivas do regime nas obras que compõem a “literatura stronista” não fogem a esta constatação, durante as análises foi possível constatar algumas variações nas vinculações das premissas dos discursos stronista, variações que acabaram igualmente indicando tensões entre o discurso histórico-nacionalista e as relações entre Paraguai e Brasil, estabelecidas pelo governo de Alfredo Stroessner.

Por exemplo, a Guerra da Tríplice Aliança é um divisor de águas na história paraguaia, ocorrência histórica que permanece viva na memória do povo paraguaio e episódio histórico de maior importância para o revisionismo paraguaio. A evocação deste episódio da história paraguaia pelo revisionismo histórico e, posteriormente, pelo discurso histórico-

nacionalista stronista, como “epopeia heroica” do povo paraguaio em luta contra o ataque indiscriminado das nações vizinhas aliadas, conseqüentemente, posiciona essas nações como “agressoras”, ou seja, a partir de uma visão negativa. E ao incorporar as premissas do revisionismo histórico em seu discurso de legitimação ao mesmo tempo em que estabelece relações com o Brasil, a nação “agressora” da guerra que havia dizimado o Paraguai, o stronismo causa uma contradição entre seus discursos e suas ações. Para minimizar essa incompatibilidade entre as duas conjunturas, o discurso stronista tenta minimizar a culpabilidade dos países que no passado formaram a Tríplice Aliança, transferindo-a à Grã-Bretanha, como já discorremos anteriormente. Porém, o regime não logrou minimizar todas as contradições. As tensões entre as duas conjunturas podem, inclusive, serem verificadas nas próprias obras da “literatura stronista”, como na referência à Guerra da Tríplice Aliança encontrada no livro *Stroessner* dos autores Sidulfo Perez e Carlos Meo, onde estes apresentam a seguinte visão:

En efecto, la Guerra de la Triple Alianza, donde tres Estados se coligan con el fin político de destruir el Poder del Paraguay por medio de la fuerza, representa por un lado la *sangría estoica de un pueblo y el valor indomable de una raza* que se inmola en defensa de la Patria y por otro lado evidencia la aplicación violenta de la Política del Poder. [grifos nossos] (PEREZ; MEO, 1972, p. 66)

A exemplo do revisionismo histórico e, por consequência, do discurso histórico-nacionalista, os autores declaram neste trecho a injusta guerra movida contra o Paraguai e destacam a “força” e “bravura” do povo paraguaio no enfrentamento dessa luta “sanguinária”. Porém, diferente das posições mais atenuantes normalmente sustentadas pelo discurso stronista em relação aos países da Tríplice Aliança, o trecho acima mostra uma visão não tão positiva dos antigos inimigos – ou talvez ainda atuais, se levarmos em contas as permanências históricas originadas na guerra e que ainda se encontram presentes no imaginário paraguaio –, ao afirmar que estes, ao moverem a guerra, foram motivados pelo objetivo de “*destruir el Poder del Paraguay*”.

Encontramos outra marca desta tensão no livro *La Época de Stroessner: Valoración Política, Histórica y Filosófica*, onde Augusto Moreno ao se referir à ação assoladora do “*enemigo interno*”, neste caso referindo-se aos liberais, acusa-os de tentar “(...) *completar la obra destructora de la triple alianza.*” (MORENO, 1966, p. 16)

A partir daqui começamos a perceber algumas tensões que poderiam existir entre o discurso histórico-nacionalista, reforçado pelas permanências históricas que principiando com as circunstâncias e consequências da guerra e que continuam presentes na opinião

pública paraguaia, e as relações de cooperação mantidas pelo regime stronista com o Brasil, ou seja, com o antigo inimigo de guerra. Guerra esta cujas memórias são evocadas pelo stronismo a fim de erigir uma identidade nacional, com o objetivo de utiliza-la na criação de um consenso em torno do regime.

Entretanto, essas tensões nem sempre são tão evidentes e ruidosas, elas também podem se expressar a partir de silêncios e omissões. Isso se evidencia na obra escrita por Roque Vallejos, intitulada *Stroessner, caudillo de América*, o livro com uma frequência notória apresenta incorporações do discurso histórico-nacionalista, como já demosmos neste capítulo. Todavia, na obra que soma quase uma centena de páginas o autor não menciona uma única vez a nação brasileira, mesmo quando este faz referência à polêmica que rondou o Salto do Guairá em 1966, e a posterior construção da Hidrelétrica de Itaipu:

Stroessner inspira la monumental represa de Itaipú, que apoyada en nuestros derechos de condóminos al Salto del Guairá, está destinada a marcar un hito de tal trascendencia, que el Paraguay se dividirá antes y después de Itaipú. (VALLEJOS, 1974, p. 60)

O que verificamos nesta obra é uma grande atenção dada às relações estabelecidas entre Paraguai e Argentina. Durante toda a obra é recorrente a referência às relações de cooperação entre estas duas nações. Inclusive, a seção do livro intitulada “*Stroessner: el americanista*” é totalmente dedicada a descrição aos vínculos de amizade existentes com a nação vizinha, principalmente ao que se refere a Argentina sob o governo de Juan Domingo Perón.

Outro ponto de silêncio que encontramos em meio aos conteúdos destes livros, porém, que nos parece menos profundo do que o verificado em *Stroessner: caudillo de América*, foi o encontrado na obra *La Época de Stroessner: Valoración Política, Histórica y Filosófica*, escrito por Augusto Moreno. Ao referir-se a Ponte Internacional construída em cooperação com o Brasil, ou seja, a Ponte Internacional da Amizade, o autor se refere a esta apenas como “Puente Internacional sobre el Paraná” (MORENO, 1966, p. 113), que seguida de uma foto que retrata Stroessner de perfil, olhando para as obras que darão origem a mencionada ponte, a passagem não faz qualquer referência ao Brasil. Já que em algumas páginas seguintes, o autor volta a fazer referência as obras da Ponte Internacional da Amizade, destacando o encontro entre Stroessner e o presidente brasileiro Juscelino Kubitchek e, desta vez, fazendo referência ao Brasil. (MORENO, 1966, p. 127).

Tal ocorrência nos parece menos envolta por tensões, do que o caso anterior, pois o livro de Augusto Moreno faz referência ao Brasil em vários outros momentos, apenas negligenciando a participação da nação brasileira. Este silêncio nos parece mais resultado da opção em fazer uma rápida referência a Construção da ponte, do que um sinal de tensão no posicionamento do autor em relação às alianças mantidas com o Brasil.

Tais constatações feitas a partir da análise das incorporações do discurso histórico nacionalista e das representações das relações mantidas entre Paraguai e Brasil durante a ditadura chefiada por Stroessner a partir da “literatura stronista”, nos mostrou as aplicações práticas do discurso histórico-nacionalista construído pelo stronismo, que tanto no próprio discurso do regime quanto na “literatura stronista” procurou justificar o regime representando seu líder, Stroessner, como “herdeiro” e “continuador” dos heróis nacionais reivindicados pelo revisionismo e pelo stronismo.

Também foi possível verificar as tentativas de justificação das relações com o Brasil, mediante a indicação das obras realizadas e dos avanços alcançados pelo governo paraguaio com o apoio e cooperação da nação brasileira.

Todavia, essas obras também nos mostraram as tensões existentes nos posicionamentos dentro do próprio grupo de apoio do regime stronista. A partir das evidências proporcionadas pela análise dessas obras podemos fazer algumas leituras e suposições em relação à base aliada do stronismo. Estes livros mostram que mesmo ao adotarem as premissas do discurso histórico-nacionalista os aliados do stronismo, muitas vezes, não compartilhavam a mesma visão amenizadora em relação à ação dos países aliados na Guerra da Tríplice Aliança, como apresentava o regime. Dá mesma forma, alguns também não demonstram a mesma posição entusiasmada em relação às alianças estabelecidas com o Brasil, como foi possível verificar no significativo silêncio de Roque Vallejos, que em sua obra não se referiu diretamente a nação brasileira, mesmo quando este discorria sobre alguma obra ou acordo constituído entre Paraguai e Brasil.

E a averiguação dessas conciliações e contradições presentes na “literatura stronista”, não é importante apenas como uma forma de analisar e verificar algumas dessemelhanças entre as premissas sustentadas pelo regime e as aceitas por seus aliados. Mas também, porque os conteúdos destas obras podem ter desempenhado influência sobre a opinião pública. Já que, como anteriormente ponderamos neste capítulo, consideramos que a

circulação destes livros foi mais adiante do que seu objetivo inicial previa, ou seja, sua circulação foi além dos círculos de aliados do regime stronista.

Desta forma, as tentativas de conciliação entre o discurso histórico-nacionalista e as alianças estabelecidas com o Brasil presentes na “literatura stronista” se disseminaram para além do círculo mais próximo de Stroessner. Porém, da mesma forma que as tentativas de conciliação podem ter se alastrado, também pode ter ocorrido com as tensões que encontramos nestes livros.

Considerações finais

Este trabalho propôs-se a analisar as contradições entre o discurso histórico-nacionalista utilizado pelo stronismo, e o estabelecimento de relações de cooperação com o Brasil, mediante a análise de um conjunto de livros denominados de “literatura stronista”. A partir destas investigações realizadas no decorrer deste trabalho, foi-nos possível apurar algumas inferências.

A primeira delas é a averiguação de que o regime stronista procurou moldar as premissas do revisionismo histórico ao incorporá-las ao seu discurso histórico-nacionalista, a fim de minimizar as contradições entre sua retórica de fundamentação histórica e as relações estabelecidas pelo regime stronista com o Brasil. Como vimos, uma dessas tentativas de amenizar as contradições foi a adaptação da premissa revisionista que indica a culpabilidade dos países da Tríplice Aliança ao moverem a guerra contra a nação paraguaia, sendo que no discurso stronista tal culpabilidade legadas aos países aliados é transferida para a Grã-Bretanha.

Doravante a análise dos livros da “literatura stronista” aqui selecionados como fontes, também foi possível verificar algumas tentativas de conciliação entre as duas conjunturas presentes nestas obras. Como por exemplo, a apresentação do Brasil como um parceiro em potencial e como uma via de desenvolvimento para o Paraguai, mediante a enumeração de acordos e obras de infraestrutura que comprovassem as vantagens de manter relações de cooperação com a nação brasileira. Desta forma, mesmo de forma direta, apresentava-se também como uma tentativa de minimizar as contradições, ao incentivar uma visão mais positiva do Brasil apontando-o como um aporte fundamental para o desenvolvimento paraguaio.

Porém, o exame destes livros evidenciou não apenas tentativas de conciliação entre as duas conjunturas, mas também demonstrou a existência de tensões referentes a essas contradições entre discurso e ação praticados pelo stronismo, dentro do próprio estrato de colorados e aliados do regime.

Ademais, o conjunto de livros aqui abordados se provou uma rica fonte para a realização de estudos referentes à ditadura stronista. Pois, além de demonstrar que tanto o Partido Colorado, quanto o restante da base aliada do regime não eram tão homogêneos e

condizentes com o regime como a historiografia que aborda o assunto costuma demonstrar, estes livros também desconstruem imagens tradições. Por exemplo, principalmente na análise do livro *Stroessner, caudilho de América*, foi possível reunir elementos para refutar convicções tradicionais que apontam uma preferência ao Brasil do Partido Colorado e uma inclinação do Partido Liberal em relação à Argentina e, conseqüentemente, apontam o stronismo como “simpático” ao Brasil. Porém, os elementos apurados durante o exame dessas obras, nos facultou atestar que a aproximação entre Paraguai e Brasil não se deve a uma “inclinação” do Partido Colorado ou do stronismo em relação a esta nação, mas sim evidencia tentativa de execução de uma política de “relações pendulares”, que equilibrasse a dependência econômica do Paraguai em relação aos países vizinhos e, conseqüentemente, livra-se a nação paraguaia da histórica dependência em relação à Argentina.

Para finalizar, a apuração da utilização de aparatos discursivos pelo regime stronista, como por exemplo, o discurso histórico-nacionalista aqui abordado, acusam não só a existência de uma opinião pública no Paraguai durante o regime ditatorial chefiado por Stroessner, como também apontam a existência de tensões e dissensos esta opinião pública em relação ao regime stronista. Contradizendo interpretações deterministas que apontam a sociedade paraguaia como uma entidade “silenciada” e “controlada” pelo regime stronista, tais determinismos chegam ao ponto de apontar a inexistência de uma opinião pública no Paraguai.

Porém, estas e outras interpretações e ideias equivocadas são claramente contestadas pelas circunstâncias que a rodeiam, e pelas várias averiguações aqui levantadas mediante a análise da “literatura stronista”.

Fontes

JIMENEZ, Adan Godoy. **Stroessner: un modelo republicano y democrático de gobierno**. Asunción: Editorial Che Retâ, 1987.

MARTINEZ, Horacio Escobar. **El Presidente Stroessner en el marco de la historia nacional**. Asunción: Imprensa Militar, 1978.

MORENO, Augusto. **La época de Alfredo Stroessner: Valoración Política, Histórica y Filosófica**. Asunción: Comuneros, 1966.

NEUSFFAMER., Cristóbal A. Frutos. **Stroessner: El presidente de la Paz, del Progreso y del Bienestar**. Assunção: [s.e], 1973.

_____. **Stroessner: una luz en la noche**. Asunción: [s.e], 1968.

PEREZ, Sindulfo; MEO, Carlos. **Stroessner**. Tomo I. Asunción: Offset Grafica Asuncena, 1972.

VELLEJOS, Roque. **Stroessner, caudillo de América**. Asunción: Editorial Blas Garay, 1974.

Referências bibliográficas

ALCALÁ, Guido Rodríguez. **Ideologia Autoritária**. Brasília: Funag/IPRI, 2005. Coleção Países da América Latina.

_____. “Revisionismo Histórico y Autoritarismo”. **Revista Múltipla**, Brasília, Ano VI, v.7, n.11, p. 9-27, 2001.

BOCCIA PAZ, Alfredo. *El Paraguay Contemporáneo*. In: BOCCIA PAZ, Alfredo; RIVAROLA, Milda. **Historia General del Paraguay**. Assunção: Fausto Ediciones, 2013. v. III. p. 177-310.

BREZZO, Liliana M. “El Centenario en Paraguay: historiografía y responsabilidades nacionalistas (1897-1912)”. Anuario del CEH, n°4, Año 4, 2004. p. 57-74.

_____. *La historia y los historiadores*. In: TELESGA, Ignacio (coord.). **Historia del Paraguay**. Paraguay: Editorial Taurus, 2010. p. 13-32.

_____. **Polémica sobre la Historia del Paraguay**. Asunción: Editorial Tiempo de Historia, 2008.

_____. “¿Qué revisionismo histórico? El intercambio entre Juan O’Leary y el Mariscal Pietro Badoglio en torno a El Centauro de Ybycui”. In: CASAL, Juan Manuel; WHIGHAM, Thomas (Org.). **Paraguay en la historia, la literatura e la memoria: actas de las II Jornadas Internacionales de Historia del Paraguay en la Universidad de Montevideo**. Asunción: Editorial Tiempo de Historia, 2011, p. 327-370.

CHIAVENATO, Júlio José. **A Guerra contra o Paraguai**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **Relações Brasil-Paraguai: Afastamentos, Tensões e reaproximação (1889-1954)**. Brasília: FUNAG, 2012.

MORAES, Ceres. **Paraguai: a consolidação da ditadura de Stroessner (1954-1963)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

NICKSON, Andrew. *El régimen de Stroessner (1954-1989)*. In: TELESKA, Ignacio (coord.). **Historia del Paraguay**. Paraguay: Editorial Taurus, 2010. p. 265-294.

RIVAROLA, Milda. *El Paraguay liberal*. In: BOCCIA PAZ, Alfredo; RIVAROLA, Milda. **Historia General del Paraguay**. Assunção: Fausto Ediciones, 2013. v. III. p. 15-175.

SILVA, Paulo Renato da. *A devolução dos troféus da Guerra da Tríplice Aliança e a “confraternidade argentino-paraguaia” (1954)*. In: **Revista História Unisinos**, São Leopoldo, v. 19, n. 1, 2015. p. 12-22.

_____. *A oposição na “literatura stronista” e a opinião pública na ditadura do general Alfredo Stroessner (Paraguai, 1954-1989)*. In: **Revista Territórios & Fronteiras**. Cuiabá, v. 7, n. 1, jan-jun, 2014. p. 105-120;

SILVA, Paulo Renato da; SILVA, Rosangela de Jesus. *La invención de la “Paz y Progreso”: imágenes y propaganda en la dictadura del general Alfredo Stroessner en Paraguay*. In: SILVA, Rosangela de Jesus; LUCERO, María Elena (comp.). **Política, memoria y visualidad en los siglos XIX y XX**. Barcelona/Espanha: Editorial Foc. (No prelo)

SOLER, Lorena. “Claves históricas del régimen político en Paraguay. López y Stroessner”. In: **Diálogos**, Maringá/PR, v.11, n.1/n.2, p. 19-54, 2007

_____. **Paraguay: la largar invención del golpe**. Assunção: Editorial Aradurã, 2014.

TELESCA, Ignacio. “Inventando tradiciones O como se leyeron las misiones jesuíticas en clave de ‘construcción de la nación’: una primera aproximación”. In: CASAL, Juan Manuel;

WHIGHAM, Thomas (Org.). **Paraguay en la historia, la literatura e la memoria: actas de las II Jornadas Internacionales de Historia del Paraguay en la Universidad de Montevideo**. Asunción: Editorial Tiempo de Historia, 2011, p. 301-310.

YEGROS, Ricardo Scavone. “Guerra internacional y confrontaciones políticas (1920-1954)”. In: TELESKA, Ignacio (coord.). **Historia del Paraguay**. Paraguay: Editorial Taurus, 2010. p. 225-264.

YEGROS, Ricardo Scavone; BREZZO, Liliana M. **História das Relações Internacionais do Paraguai**. Brasília: FUNAG, 2013.